

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia Clínica
Linha de Pesquisa: Estados Psicopatológicos e Abordagens Psicoterápicas

Kelly Cardoso Paim

**Experiências na Família de Origem, Esquemas Iniciais Desadaptativos
e Violência Conjugal**

Orientadora:
Prof^ª. Dr^ª. Denise Falcke

São Leopoldo, fevereiro de 2014.

KELLY CARDOSO PAIM

**Experiências na Família de Origem, Esquemas Iniciais Desadaptativos
e Violência Conjugal**

Dissertação apresentada como exigência parcial
para a obtenção do título de Mestre em
Psicologia Clínica do Programa de Pós-
Graduação em Psicologia da Universidade do
Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora:

Prof^ª. Dr^ª. Denise Falcke

São Leopoldo, fevereiro de 2014.

Ficha catalográfica

P143e Paim, Kelly Cardoso

Experiências na família de origem, esquemas iniciais
desadaptativos e violência conjugal / por Kelly Cardoso Paim. –
2014.

74 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2014.

“Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Denise Falcke”.

1. Violência conjugal. 2. Esquemas iniciais desadaptativos.
3. Casais. 4. Relacionamento conjugal. I. Título.

CDU 159.9:316.356.2

Catálogo na Fonte:

Bibliotecária Vanessa Borges Nunes - CRB 10/1556

Dedico este trabalho a todos que, de alguma forma, me apoiaram nesta caminhada.

Agradecimentos

A conclusão da dissertação e do curso de mestrado é uma realização importante, mas essa conquista só foi possível com a ajuda e a colaboração de pessoas fundamentais nessa trajetória. A pessoa mais importante, sem dúvida, foi minha orientadora Denise Falcke, pois me ofereceu suporte técnico e emocional, dando leveza e simplicidade aos momentos mais difíceis. Destaco minha admiração e respeito por essa profissional que me ensinou muito e se tornou um exemplo a ser seguido. Também gostaria de agradecer a todos os integrantes do grupo de pesquisa com o qual trabalhei nesse período, pois esta pesquisa foi um trabalho da equipe NEFAV. A coleta de dados, principalmente, contou com a dedicação incansável de bolsistas de iniciação científica, mestrandos e doutorandos. Então, Marcela Madalena, Karla Rafaela Haack, Aline Marasca, Henrique Rosa, Juliana Pressi, Josiane Razera e Patrícia Colossi, muito obrigada.

Também não poderia deixar de agradecer aos meus familiares que me deram força, incentivo e, principalmente, respeitaram minha ausência em muitos momentos ao longo dos últimos dois anos. Embora tenha vontade de escrever muitos parágrafos, as palavras faltam quando preciso expressar a gratidão que tenho por meu marido. O apoio presente ao longo da nossa história não faltou em nenhum momento e, mesmo que de forma indireta, escreveu comigo cada linha desta dissertação.

Também agradeço aos meus inúmeros amigos queridos. Esses que, mesmo ouvindo muitas negativas a convites, sabiam que a ausência física não diminuiria em nada nosso vínculo e amor. Um agradecimento especial a todos aqueles que estiveram mais próximos e acolheram minhas queixas e lamentações nos momentos difíceis.

Por fim, agradeço a todos os participantes da pesquisa. Responder a um questionário pode parecer pouco, mas contribuir com a construção de conhecimento pode fazer a diferença para uma sociedade melhor.

Sumário

Resumo	9
Abstract	10
Apresentação	11
Seção I - Perfil discriminante de sujeitos com histórico de violência conjugal: o papel dos Esquemas Iniciais Desadaptativos	13
Resumo	13
Abstract	13
Introdução	14
Método	21
Participantes	21
Instrumentos	23
Procedimentos para coleta de dados	26
Procedimentos de análise dos resultados.....	26
Resultados	26
Discussão dos Resultados.....	29
Considerações Finais	35
Referências	36
Seção II - As Experiências na Família de Origem e os Esquemas Iniciais Desadaptativos como Preditores de Violência Conjugal em Homens e Mulheres	41
Resumo	41
Abstract	41
Introdução	42
Método	49
Amostra	49
Instrumentos	50
Procedimentos para coleta dos dados	53
Procedimentos de análise dos resultados.....	54
Resultados	54

Discussão dos Resultados	58
Considerações Finais	65
Referências	67
Considerações Finais	72
Referências	74

Experiências na Família de Origem, Esquemas Iniciais Desadaptativos e Violência Conjugal

RESUMO

O relacionamento violento entre casais vem sendo entendido como um problema de saúde pública mundial e, ao longo dos últimos anos, muitos estudos se dedicam a compreender o fenômeno. Entretanto, não há unanimidade sobre as variáveis relacionadas a um padrão conjugal violento, revelando ainda uma carência de estudos explicativos que ajudem na elaboração de intervenções mais efetivas. Partindo-se do pressuposto de que a dinâmica conjugal violenta é um fenômeno complexo e interacional, a presente dissertação objetiva identificar variáveis que expliquem o desenvolvimento e a manutenção da dinâmica violenta entre casais, especialmente os Esquemas Iniciais Desadaptativos propostos por Jeffrey Young na Terapia do Esquema. O documento da dissertação está composto por dois artigos. No primeiro, é exposto um perfil discriminante entre sujeitos com histórico de violência física contra o parceiro íntimo na relação atual e os sujeitos sem histórico. No segundo, foi investigado o poder das experiências na família de origem e dos Esquemas Iniciais Desadaptativos como preditores da violência física cometida e sofrida na relação conjugal entre homens e mulheres. Para tal, foi realizado um estudo com 362 participantes, utilizando-se como instrumentos: *Young Schema Questionnaire (YSQ-S3)*, *Revised Conflict Tactics Scale (CTS2)* e o *Family Background Questionnaire (FBQ)*. Os resultados revelaram que os Esquemas Iniciais Desadaptativos, em especial do primeiro domínio esquemático, são variáveis fundamentais para a compreensão da violência física conjugal. Com isso, acredita-se que os resultados auxiliem na compreensão sobre a dinâmica das relações violentas, contribuindo para a elaboração de programas de prevenção e intervenção. Sugere-se que os tratamentos terapêuticos para casais em situação de violência devam estar baseados em intervenções que possam ir além dos comportamentos violentos, mas que considerem também os Esquemas Iniciais Desadaptativos primários.

Palavras-chave: violência conjugal, esquemas iniciais desadaptativos, casais, relacionamento conjugal.

Family-of-Origin Experiences, Early Maladaptive Schemas and Marital Violence

ABSTRACT

The violent relationship between couples has been understood as a public health problem worldwide and, over the past few years, many studies are devoted to understanding the phenomenon. However, there is no unanimity about the variables that explain the marital violence, also revealing a lack of explanatory studies that help in the development of more effective interventions. Starting from the assumption that marital violence dynamics is a complex and interactional phenomenon, this dissertation aims to identify variables that explain the development and maintenance of violent dynamic between couples, especially the Early Maladaptive Schemas proposed by Jeffrey Young in Schema Therapy. The document is composed of two articles. In the first one, is exposed discriminant profile among subjects with a history of physical violence against intimate partners and subjects without historic. On the second, we investigate the power of experiences in the family of origin and Initial Maladaptive Schemas as predictors of physical violence in the marital relationship between men and women. The results showed that Early Maladaptive Schemas, especially the first schematic domain, are fundamental variables for understanding the intimate physical violence. Thus, we believe that the results help in understanding the dynamics of violent relationships, contributing to the development of intervention and prevention programs. It is suggested that therapeutic treatments for couples in a violent situation should be based on interventions that go beyond the violent behaviors, but also consider the Early Maladaptive Schemas.

Keywords: marital violence, family-of-origin experiences, early maladaptive schemas, couples, married couples.

Apresentação

A violência conjugal é motivo de grande preocupação para a psicologia e para a saúde pública em geral, devido aos altos índices de prevalência do fenômeno. Ao redor do mundo, entre 22% e 49,5% das mulheres reportam alguma experiência de abuso vivida por parte de seus companheiros afetivos (Mathias, Bedone, Osis & Fernandes, 2013; Meekers, Pallin & Hutchinson, 2013; Jaoko, 2010; Yoshihima & Horrocks, 2010; Ansara & Hindin, 2009; Fehringer & Hindin, 2009; Stenson & Heimer, 2008). No Brasil, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (2005), uma em cada três mulheres afirma já ter sofrido algum tipo de violência cometida pelo parceiro.

Diante da necessidade de estudos que busquem uma maior compreensão dessa problemática, a presente dissertação tem como principal objetivo a identificação de variáveis que ajudem no entendimento da violência entre casais a partir do referencial teórico proposto por Jeffrey Young (1990), em que os Esquemas Iniciais Desadaptativos são responsáveis pela forma de interação do indivíduo nos relacionamentos interpessoais. O trabalho foi desenvolvido no Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, estando inserido no Núcleo de Estudos de Família e Violência (NEFAV), que investiga as relações conjugais e familiares, especialmente em contextos de violência.

O objetivo geral do estudo foi investigar variáveis que expliquem a violência nos relacionamentos amorosos, entre elas, as experiências na família de origem e os Esquemas Iniciais Desadaptativos. O documento está composto por dois artigos empíricos, ambos de natureza quantitativa. Para melhor apresentar os resultados obtidos, essa dissertação foi

dividida em duas seções, apresentando os dois artigos. Na Seção I, será apresentado o artigo “*Perfil discriminante de sujeitos com histórico de violência conjugal: o papel dos Esquemas Iniciais Desadaptativos*”. O objetivo do artigo foi descrever o perfil discriminante entre sujeitos com histórico de violência física contra o parceiro na relação atual e os sem histórico, buscando uma maior compreensão das variáveis que caracterizam os sujeitos que cometem violência contra o parceiro e também das variáveis que caracterizam os sujeitos que não apresentam histórico de violência cometida contra o cônjuge.

Na seção II, é apresentado o artigo “*As Experiências na Família de Origem e os Esquemas Iniciais Desadaptativos como Preditores de Violência Conjugal em Homens e Mulheres*”. O estudo propõe uma compreensão da violência conjugal e seu ciclo de perpetuação, utilizando a perspectiva da Teoria dos Esquemas de Jeffrey Young. Com isso, foi investigado o poder das experiências na família de origem e dos Esquemas Iniciais Desadaptativos como preditores da violência física cometida e sofrida na relação conjugal entre homens e mulheres.

Por fim, são apresentadas as considerações finais da dissertação, ressaltando os principais resultados obtidos, as limitações do trabalho e as sugestões para futuras investigações. Também foram destacadas as contribuições dos estudos no que se refere a medidas interventivas no intuito de diminuir as consequências dessa problemática para indivíduos, família e sociedade.

Seção I

Perfil discriminante de sujeitos com histórico de violência conjugal: o papel dos Esquemas Iniciais Desadaptativos¹

Kelly Cardoso Paim²

Denise Falcke³

RESUMO

O presente estudo é fundamentado na Terapia do Esquema de Jeffrey Young e tem como objetivo descrever um perfil discriminante dos sujeitos que apresentam histórico de violência física na relação atual e dos que não apresentam. A amostra foi constituída por 341 participantes, 81 com histórico de violência e 260 sem histórico de violência, com idade entre 19 e 79 anos. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: *Young Schema Questionnaire (YSQ-S3)*, *Revised Conflict Tactics Scale (CTS2)* e o *Family Background Questionnaire (FBQ)*. Foi realizada Análise Discriminante para verificar quais variáveis das escalas FBQ e YSQ-S3 contribuem de forma mais significativa para a diferenciação entre os grupos. Obteve-se uma função discriminante entre sujeitos com histórico de violência física na relação atual e sujeitos sem histórico ($\chi^2=43,098$, $p=0,045$), agrupando significativamente as variáveis: esquema de desconfiança/abuso, esquema de defectividade/vergonha, esquema de dependência/incompetência, esquema de subjugação e esquema de isolamento social na direção dos sujeitos com histórico de violência. Já os sujeitos sem histórico de violência conjugal contra o parceiro foram caracterizados por uma maior funcionalidade na família de origem, caracterizada pela ausência de abuso físico paterno, abuso sexual, abuso físico materno, negligência física, bem como por um estilo de decisão materno adequado, aliança parental e ajustamento psicológico paterno e materno. Acredita-se que os resultados auxiliem na compreensão sobre a dinâmica das relações violentas, contribuindo para a elaboração de programas de intervenção e prevenção, com o intuito de diminuir suas consequências para o indivíduo, a família e a sociedade.

Palavras-chave: casais, violência conjugal, esquemas iniciais desadaptativos, relacionamento conjugal.

ABSTRACT

The current study is based on the Schema Therapy developed by Jeffrey Young and aims to describe a discriminative profile of individuals with a history of physical violence in the present relationship and from individuals that does not show history of physical violence. The sample consisted of 341 participants, 81 with a history of violence and 260 with no history of violence, aged between 19 and 79 years. The instruments used for data collection were: *Young Schema Questionnaire (YSQ-S3)*, *Revised Conflict Tactics Scale (CTS2)* and *the Family Background Questionnaire (FBQ)*. Discriminative analysis was performed to identify which variables from FBQ scales and YSQ-S3 contributes more to the differentiation between the groups. A discriminative function among individuals with a history of physical violence in the current relationship and individuals with no history violence were found ($\chi^2 = 43.098$, $p = 0.045$) by grouping the variables: mistrust/abuse

¹ Artigo de pesquisa apresentado ao Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica, como requisito para aprovação no mestrado da Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS).

² Psicóloga, Mestranda em Psicologia Clínica, Bolsista Fapergs.

³ Psicóloga, Doutora em Psicologia (PUCRS). Docente do Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica da Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS).

schema, defectiveness/shame schema, dependence/incompetence schema, subjugation schema and social isolation schema towards the individuals with a history of violence. The individuals without a history of violence against their partner were characterized by greater functionality in the family of origin, characterized by the absence of father's physical abuse, sexual abuse, maternal physical abuse, physical neglect, well as a style of adequate maternal decision, parental alliance, paternal and maternal psychological adjustment. It is believed that the results assist in understanding the dynamics of violent relationships, contributing to the development of intervention and prevention programs in order to reduce their impact on the individual, family and society.

Keywords: couples, marital violence, early maladaptive schemas, marital relationship.

Introdução

A violência conjugal é descrita por Coker (2000) como qualquer agressão física, sexual ou psicológica através da qual um indivíduo tenta estabelecer e manter controle e poder sobre seu parceiro. A agressão física pode ser caracterizada por comportamento que utilize força física, gerando danos corporais ou destruição de propriedade; a agressão sexual está relacionada a atos sexuais não consensuais ou que visam humilhar o parceiro em relação a seu corpo, desempenho sexual ou sexualidade; já a agressão psicológica tende a se manifestar através da intimidação, humilhação, ameaças, agressões verbais, isolamento social e dependência financeira forçada.

A violência física por parceiro íntimo é categorizada por Strauss (2008; 1990) em dois tipos: agressão física menor e agressão física grave. O autor considera que a agressão física menor é frequentemente encontrada na população geral e, como não representa os casos que buscam os serviços de atendimento ou proteção, possui dados imprecisos sobre sua prevalência. Ser empurrado ou empurrar, agarrar ou ser agarrado, dar ou receber um tapa, jogar objetos no parceiro, torcer o braço e puxar o cabelo são considerados pelo autor como episódios de violência menor. A violência física grave tem prevalência inferior a 1% na população geral (Straus, 2008), sendo considerada um fenômeno único e com etiologia particular (Johnson & Ferraro, 2000), além disso, deve ser diferenciada no que se refere a medidas interventivas por se tratar de um funcionamento conjugal patológico (Strauss,

2008). Dar um soco, bater no parceiro, chutar, bater contra uma parede, queimar ou escaldar, usar uma faca ou arma de fogo são comportamentos considerados violência física grave contra parceiro íntimo (Straus, 1996; 1990).

O relacionamento violento entre casais vem sendo entendido como um problema de saúde pública mundial e, ao longo dos últimos anos, muitos estudos buscam mapear sua prevalência ao redor do mundo. As pesquisas apontam números expressivos do fenômeno. Mundialmente, pesquisas revelam que entre 22% e 49,5% das mulheres reportam alguma experiência de abuso vivida por parte de seus companheiros afetivos (Ansara & Hindin, 2009; Fehringer & Hindin, 2009; Jaoko, 2010; Meekers, Pallin & Hutchinson, 2013; Stenson & Heimer, 2008; Yoshihima & Horrocks, 2010). No Brasil, segundo dados da OMS (2005), uma em cada três mulheres afirma já ter sofrido algum tipo de violência cometida pelo parceiro. Mathias, Bedone, Osis e Fernandes (2013), em um estudo com 2.379 mulheres com idades entre 18 e 60 anos no estado de São Paulo, encontraram uma prevalência ainda mais elevada. Os resultados evidenciaram que 55,7% das mulheres sofriam violência cometida pelo parceiro íntimo. Quando especificado o tipo de violência, a psicológica se mostrou a mais comum (53,8%), seguida pela física (32,2%) e pela violência sexual (12,4%). Já a pesquisa de Strauss (2008), sobre violência física em 32 países, revelou que um terço de estudantes de ambos os sexos vivenciaram esse tipo de violência em seus relacionamentos íntimos nos últimos 12 meses.

Ainda que os índices já sejam alarmantes, alguns autores sugerem que ainda não são representativos da realidade, pois muitos episódios de violência não são identificados, notificados ou denunciados (Alvim & Souza, 2005; Falcke, Oliveira, Rosa, & Bentancur, 2009; Meekers et al., 2013; Strauss, 2008). As limitações dos serviços de atendimento às vítimas, a ideia de que as agressões são vivências normais nos relacionamentos, bem como medo, vergonha e tendência de manter o assunto como segredo familiar podem explicar a

dificuldade de resultados exploratórios mais fidedignos. Outra limitação encontrada nos estudos, diz respeito a pouca atenção a violência sofrida pelos homens. Nesse sentido, Falcke et al. (2009) salientam que os levantamentos sobre as situações de violência nos relacionamentos íntimos, em sua maioria, utilizam os dados das Delegacias Especializadas no Atendimento às Mulheres, o que ocasiona uma visão unilateral do fenômeno. Alguns autores estão mudando tal perspectiva, entendendo que a visão dicotômica do homem agressor e mulher vítima precisa ser questionada (Bates, Graham-Kevan & Archer, 2013; Bernards & Graham, 2013; Falcke et al., 2009; Oliveira & Souza, 2006).

Muitas variáveis estão sendo associadas à ocorrência de violência conjugal, mas nenhuma delas tem unanimidade entre os estudos de âmbito internacional. Bernards e Graham (2013) investigaram a relação entre estado civil e violência cometida por parceiro íntimo em 19 países. Os resultados sugerem que há um risco mais baixo de violência nas relações com casamento oficializado, entretanto, os índices variaram entre diferentes países, mostrando que a cultura também é uma variável importante para compreensão do fenômeno. Em outro recente estudo, com 2.379 mulheres entre 18 e 60 anos, realizado em São Paulo, Mathias et al. (2013) identificaram que não ter um parceiro fixo, ter menos de 8 anos de escolaridade e pertencer à classe econômica mais baixa aumenta o risco para todos os tipos de violência cometida por parceiro íntimo.

Diversos autores afirmam que pertencer a uma família violenta, bem como vivenciar estresse e a ausência de carinho na família de origem são fatores determinantes para a perpetuação da violência, evidenciando uma perspectiva transgeracional (Boyle, O'Leary, Rosenbaum & Hassett-Walker, 2008; Fang & Corso, 2007; Fang & Corso, 2008; Fergusson, Boden & Horwood, 2006; Godbout *et al.*, 2009; Kerley, Xu, Sirisunyaluck & Alley, 2010; Milner *et al.*, 2010; Pournaghash-Tehrani & Feizabadi, 2009; Wang, Horne, Holdford & Henning, 2008; Weisbart *et al.*, 2008; Wareham, Boots & Chavez, 2009). Com

isso, a importância da família na transmissão da violência conjugal, seja como parte do aprendizado de relações íntimas, seja pelo processo de naturalização do fenômeno, é ressaltada em diversos estudos (Milletich, Kelley, Doane, & Pearson, 2010; Pournaghash-Tehrani & Feizabadi, 2009; Santos & Costa, 2004; Renner & Slack, 2006;). Em uma pesquisa sobre os preditores de violência em namoros, realizada nos Estados Unidos, Simons, Simons, Lei, Hanckoc e Fincham (2012) confirmaram que tanto a exposição à agressão parental física e verbal quanto à hostilidade interparental são variáveis que aumentam a probabilidade de vivências violentas no namoro. Sendo assim, experiências abusivas precoces com cuidadores ensinam às crianças que a violência com aqueles que amamos é normal ou aceitável (Straus, 1990; Straus & Gelles, 1990). Tal crença, por sua vez, aumenta a probabilidade do estabelecimento de um padrão violento de interação na vida adulta, tanto para vitimização quanto para perpetração da violência (Kerley et al., 2010; Milner et al., 2010).

Também considerando as experiências precoces de interação com os cuidadores como fundamentais para a estruturação da personalidade, Young (1990) destaca a busca por relações amorosas que mantenham um padrão relacional aprendido nas relações primárias. O autor considera a existência de estruturas cognitivas interpretativas rígidas, abrangentes, duradouras e disfuncionais, denominadas como Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs), que são desenvolvidos na infância, mas que continuam trazendo prejuízos funcionais para o indivíduo ao longo da vida, principalmente nos relacionamentos interpessoais (Cecero & Young, 2001). A teoria propõe que experiências infantis estressantes, traumáticas e de frustrações nocivas são revividas em forma de lembranças, emoções, sensações corporais e cognições quando situações atuais ativam os EIDs.

As cinco necessidades emocionais do desenvolvimento infantil que precisam ser satisfeitas pelos cuidadores são: vínculos seguros com outros indivíduos; autonomia, competência e sentimento de identidade; liberdade de expressão e validação de necessidades e emoções; espontaneidade e lazer; limites realistas e autocontrole (Young, Klosko & Weishaar, 2003). Os EIDs tem sua origem nas necessidades não atendidas nas relações primárias, combinadas ao temperamento inato da criança e acontecimentos traumáticos na infância e adolescência. A tabela 1 evidencia a concepção de que cada necessidade emocional não satisfeita dá origem a um domínio de esquemas, composto por esquemas específicos que explicitam características pessoais e relacionais dos sujeitos.

A correlação entre EIDs e violência conjugal foi investigada por Paim, Madalena e Falcke (2012) em uma pesquisa com 163 sujeitos residentes na região metropolitana de porto Alegre/RS. As autoras identificaram alguns EIDs mais vulneráveis à manutenção de relacionamentos violentos. O estudo apontou que os esquemas desconfiança/abuso, isolamento social, defectividade/vergonha, dependência/incompetência, emaranhamento, autossacrifício, grandiosidade/arrogo e autodisciplina/autocontrole insuficientes estão relacionados à perpetração da violência. Já os esquemas desconfiança/abuso, autossacrifício, emaranhamento, padrões Inflexíveis e autodisciplina/autocontrole insuficientes obtiveram correlação significativa com a vitimização de violência no relacionamento amoroso. Também foi identificada associação negativa entre EIDs e habilidade de negociação, o que ressalta o potencial destrutivo dos EIDs nos relacionamentos conjugais, tanto por potencializar estratégias de enfrentamento negativas de resolução de conflitos, entre elas a violência, como por minimizar o potencial de busca de acordo por meio da negociação.

Tabela 1 - Descrição dos Domínios e Esquemas (Young et al., 2003).

Domínio Conexão e Rejeição: Ligado à falta de ambiente seguro e estável, com vivências primitivas de experiências sociais negativas como abuso, frieza, rejeição ou isolamento social.	
Privação emocional	Expectativa negativa quanto à satisfação das necessidades de apoio emocional pelo parceiro(a).
Abandono	Não consegue confiar no parceiro(a) e percebe as relações como instáveis, gerando a constante expectativa de abandono.
Desconfiança/abuso	As relações são percebidas como perigosas e abusivas. Espera sempre ser enganado, traído ou machucado pelo parceiro(a).
Isolamento social	Não consegue ter a sensação de pertencimento a um grupo, comunidade ou relacionamento amoroso, considerando-se diferente.
Defectividade/vergonha	Enxerga-se defeituoso, indesejado, inferior e, por isso, não merecedor do amor e valorização. Hipersensibilidade à crítica, insegurança, vergonha e postura autoacusatória são características de pessoas com este esquema.
Domínio Autonomia e Desempenho Prejudicados: Relacionado a experiências primitivas de superproteção e falta de um ambiente encorajador da autonomia.	
Fracasso	Acredita que nunca terá conquistas e sucessos como as outras pessoas, pois enxerga-se como fracassado em todas as áreas, incluindo a vida conjugal.
Dependência/incompetência	Crenças ligadas à incapacidade e incompetência. Não se sente capaz de executar as responsabilidades sem a ajuda dos outros.
Vulnerabilidade	Medo constante em relação à saúde física e emocional, bem como a catástrofes externas.
Emaranhamento	A individuação nos relacionamentos íntimos é inexistente, pois há extrema intimidade, envolvimento emocional exagerado e falta de privacidade.
Domínio Limites Prejudicados: Ligado a ambiente exageradamente permissivo, tolerante ou indulgente.	
Grandiosidade/arrogo	Foco exagerado na busca pela superioridade para obter poder, controle, atenção ou aprovação.
Autocontrole/autodisciplina insuficientes	Constante evitação de possíveis desconfortos, tais como, dor, conflito e responsabilidade. Pouco autocontrole e baixa tolerância à frustração.
Domínio Orientação para o Outro: Refere-se a um ambiente de aceitação condicional. Foco excessivo para os desejos e sentimentos dos outros, em função da constante busca de obtenção de amor.	
Subjugação	Há uma submissão excessiva ao controle dos outros, enxergando seus desejos, opiniões e sentimentos como pouco importantes.
Autossacrifício	Tendência a suprir as necessidades das outras pessoas, à custa das suas próprias necessidades. Vivências de ressentimento nas relações são comuns, pois sente que suas necessidades não estão sendo satisfeitas.
Busca de aprovação	A autoestima está condicionada à aceitação social, por isso, há uma busca constante de aprovação, reconhecimento ou atenção das outras pessoas.
Domínio Supervigilância e Inibição: Caracterizado pela dificuldade de autoexpressão, relaxamento e estabelecimento de relacionamentos íntimos em razão da ênfase excessiva na supressão dos sentimentos, dos impulsos e das escolhas pessoais espontâneas.	
Inibição Emocional	Falta de espontaneidade, autocontrole excessivo e inibição de sentimentos para evitar desaprovação alheia, constrangimento ou perda do controle.
Padrões Inflexíveis	Perfeccionismo, regras rígidas e intensa preocupação com eficiência, gerando constante dificuldade para relaxar, sentir prazer e postura crítica exagerada.
Negativismo/Pessimismo	Atenção exagerada aos aspectos negativos das situações geram para estas pessoas preocupações constantes, queixas e indecisão crônica.
Postura punitiva	A crença de que as pessoas precisam ser punidas quando cometem erros gera intolerância a imperfeição humana e dificuldade de empatia.

Em um estudo qualitativo realizado com 20 mulheres com histórico de violência conjugal no Irã, Khosravi, Attari e Rezaei (2011) concluíram que os EIDs mais fortes entre

estas mulheres foram: privação emocional, desconfiança/abuso e defectividade/vergonha, todos do primeiro domínio esquemático. A mesma pesquisa ainda destacou histórias de abuso psicológico, físico e sexual como conteúdos comuns na vida das mulheres entrevistadas. Crawford e Wright (2007) também investigaram as associações entre a história de abuso psicológico na infância, os EIDs e a violência conjugal em 301 universitários dos Estados Unidos. A história de abuso psicológico sofrido na infância apareceu como preditora de experiência da violência conjugal na vida adulta. Além disso, os esquemas de desconfiança/abuso, autossacrifício e inibição emocional mediarão à relação entre experiência de maus tratos na infância e vitimização pelo parceiro. Os pesquisadores também obtiveram resultados que indicaram que os esquemas de desconfiança, grandiosidade, inibição emocional e autocontrole insuficiente mediarão parcialmente à relação entre maus tratos psicológicos e perpetração de violência pelo próprio sujeito.

Outros estudos internacionais considerando os EIDs como variáveis importantes na violência conjugal também se destacam. O impacto do abuso psicológico sofrido na infância em mulheres com conflitos interpessoais foi estudado por Messman-Moore e Coates (2007) em uma pesquisa com 382 mulheres universitárias americanas. Os autores tinham como objetivo principal testar um modelo em que os esquemas do primeiro domínio eram variáveis mediadoras entre abuso psicológico na infância e conflitos interpessoais. Os resultados foram analisados através de modelagem de equações estruturais e mostraram que a relação entre abuso psicológico na infância e conflitos interpessoais foi mediada por três esquemas do primeiro domínio: desconfiança/abuso, defectividade/vergonha e abandono. Já Calvete, Estevez e Corral (2007) investigaram o papel dos EIDs como mediadores entre violência conjugal e sintomas depressivos em 312 mulheres vítimas de violência, oriundas da Espanha. Os resultados obtidos indicaram que

os esquemas do domínio Desconexão e Rejeição também foram os que mais explicaram as associações entre violência e depressão. Desta forma, o estudo sugere que há um impacto duradouro do abuso psicológico na infância e que os efeitos da violência psicológica persistem através dos EIDs.

Considerando as variáveis que possam estar associadas à ocorrência de violência conjugal física e tendo como referencial teórico a Teoria do Esquema de Jeffrey Young, o presente estudo se propôs a diferenciar o perfil de sujeitos que apresentam histórico de violência física na relação conjugal atual em comparação aos sujeitos que não apresentam histórico. Acredita-se que os resultados auxiliem na compreensão sobre a violência conjugal, contribuindo para a elaboração de programas de intervenção e prevenção.

Método

Trata-se de uma investigação quantitativa, com delineamento comparativo.

Participantes

Participaram deste estudo 341 sujeitos, heterossexuais, casados oficialmente ou em união estável por no mínimo seis meses, residentes na região metropolitana de Porto Alegre/RS. Os participantes foram selecionados pelo critério de conveniência. É importante ressaltar que estar em situação de violência não foi um critério de inclusão no estudo, sendo que a divisão dos grupos (com histórico de violência física na relação conjugal atual e sem histórico) foi feita posteriormente com base nas respostas do instrumento sobre violência conjugal. Os grupos definidos como *com histórico de violência física na relação atual* e *sem histórico* foram categorizados a partir da pontuação dos critérios do instrumento CTS2 descritos por Strauss (2008) para violência física global, que inclui as dimensões violência física grave e menor. A violência física menor consiste

em empurrar, agarrar, dar tapa, jogar, torcer o braço e puxar o cabelo. Já a violência física grave contra parceiro íntimo contempla dar um soco, bater, chutar, bater contra uma parede, queimar ou escaldar, usar uma faca ou arma de fogo (Strauss, 2008; 1990). Também é importante ressaltar que foram consideradas somente as percepções do sujeito como autor de violência e não como vítima. Além disso, o período de violência (atual ou passado) não foi diferenciado. Dos 362 participantes que responderam ao questionário, 21 foram excluídos por terem deixado questões em branco no questionário, dificultando a sua classificação em um dos dois grupos definidos.

No grupo sem histórico de violência física contra o parceiro, a idade dos sujeitos variou entre 19 e 79 anos, com média de 41,34 anos (DP= 12,57). A maioria tinha ensino superior completo (49,4%), exercia alguma atividade remunerada (83,3%) e nunca tinha sido casado anteriormente (78,6%). Além disso, 57,9% encontravam-se casados oficialmente e o tempo de relacionamento atual variou entre 1 e 56 anos, com média de 15,57 anos (DP =12,09). A maioria dos sujeitos tinha pelo menos um filho (66,2%).

No grupo com histórico de violência física contra o parceiro, a idade dos sujeitos variou entre 19 e 60 anos, com média de 35,34 anos (DP= 10,28). A maioria tinha ensino superior completo (46,8%), exercia alguma atividade remunerada (87,4%) e nunca tinha sido casado anteriormente (80,9%). Além disso, 52,5% encontravam-se casados oficialmente e o tempo de relacionamento atual variou entre 2 e 35 anos, com média de 12,04 anos (DP =8,54). A maioria dos sujeitos também tinha pelo menos um filho (66,2%). Cabe ressaltar que não houve diferença significativa em nenhuma das variáveis sociobiográficas analisadas, podendo-se considerar que os grupos eram homogêneos nestes parâmetros.

Instrumentos

Questionário de Dados Sociodemográficos: questionário fechado, composto por 23 questões, com o objetivo de fazer o levantamento dos dados sóciobiodemográficos do sujeito. Idade, nível de escolaridade, ocupação, renda e tempo de relacionamento atual, são alguns itens que compõem o questionário.

Subescalas do Family Background Questionnaire (FBQ): O FBQ (Melchert, 1998) é um questionário fechado que contém 179 itens para serem respondidos em escala Likert de cinco pontos, objetivando obter um valor global da funcionalidade da família de origem. Possui 15 subescalas que abrangem diversas variáveis que têm sido identificadas como potencialmente importantes no desenvolvimento infantil. A aplicação é dirigida a adultos e são avaliadas as recordações que os sujeitos têm sobre as experiências que vivenciaram nas suas famílias de origem até os 18 anos. Para esse estudo, foram utilizadas as subescalas: negligência física, abuso físico paterno, abuso físico materno, abuso sexual, abuso de substâncias paterno, abuso de substância materno, ajustamento psicológico paterno, ajustamento psicológico materno, aliança parental, estilo de tomada de decisão paterno e estilo de decisão materno. Foi traduzido e adaptado para o português por Falcke (2003), demonstrando boa validade de constructo e consistência interna. No presente estudo, o coeficiente Alfa de Cronbach obtido para cada subescala foi: 0,864 para abuso físico paterno, 0,799 para abuso físico materno, 0,295 para abuso sexual, 0,776 para negligência física, 0,876 para estilo de decisão paterno, 0,876 para estilo de decisão materno, 0,937 para abuso de substância paterno, 0,877 para abuso de substância materno, 0,783 para ajustamento psicológico paterno, 0,706 para ajustamento psicológico materno, 0,865 para aliança parental. Os índices representam boa confiabilidade das subescalas, com exceção da subescala abuso sexual, o que pode ser explicado pelo fato de conter perguntas que

abrangem o abuso por diferentes membros da família e outras pessoas. Sendo assim, por ser esperado que o abuso sexual ocorra por abusadores específicos, um índice baixo de confiabilidade interna torna-se compreensível. É importante ressaltar que embora alguns nomes das dimensões indiquem a variável negativa, a escala é pontuada na direção de funcionalidade da família de origem, ou seja, quando mais altos forem os escores, menor a ocorrência da variável.

A seguir, uma breve descrição das subescalas utilizadas: Abuso Sexual é a percepção de qualquer contato sexual do pai, mãe, irmãos, outros familiares ou outras pessoas; Negligência Física é a falta de cuidados físicos (alimentação, vestuário, condições de higiene e etc.); Abusivo Físico refere-se às lembranças de agressões físicas dos pais contra a criança; Estilo de Tomada de Decisão é a coerência de atitudes dos pais para com os seus filhos a partir dos quais se cria o ambiente emocional de segurança, confiança e estabilidade. Também contempla a capacidade de escuta e compreensão; Ajustamento Psicológico refere-se à saúde mental dos pais; Abuso de Substância diz respeito às lembranças quanto ao consumo de álcool e outras drogas dos pais e as conseqüentes alterações comportamentais. Aliança Parental é o grau de acordo entre o pai e a mãe em relação às regras ou instruções aos filhos, além disso, também considera a capacidade de resolução de conflito do casal.

Young Schema Questionnaire (YSQ-S3): O YSQ – S3 (Young, 2003) na versão reduzida, composta de 90 itens, avalia 18 Esquemas Iniciais Desadaptativos que são mapeados por meio do somatório dos resultados de cada grupo de cinco questões. Os esquemas são categorizados em cinco grandes domínios. Essa categorização surgiu a partir da experiência clínica do autor, sendo refinada em estudos empíricos posteriores. Em sua maioria, os achados vinculados ao Questionário de Esquemas de Young demonstram resultados favoráveis quanto à consistência interna da escala e no que tange à sensibilidade

discriminativa, considerando-se as diferenças entre grupos clínicos e não clínicos (Cazassa & Oliveira, 2008). A versão utilizada nesse estudo foi traduzida e adaptada para o português por Rijo e Gouveia (1999). No presente estudo, o coeficiente Alfa de Cronbach obtido para o Inventário dos Esquemas de Jeffrey Young foi de 0,962, indicando excelente confiabilidade;

Revised Conflict Tactics Scales - CTS2: A CTS2 foi concebida por Strauss, Hamby, Boney-McCoy e Sugarman (1996), e contém, no total, 78 itens que descrevem possíveis ações do respondente e, reciprocamente, de seu/sua companheiro/a. O instrumento é composto por cinco escalas que representam as seguintes dimensões: 1) violência física; 2) agressão psicológica; 3) coerção sexual; 4) lesão corporal; 5) negociação. Neste estudo, utilizou-se somente a subescala de violência física que é dividida em violência física grave e menor. Foi adaptada ao português por Moraes, Hasselmann e Reichenheim (2002). O coeficiente Alfa de Cronbach obtido para a dimensão violência física foi de 0,832, indicando boa confiabilidade.

Sendo assim, a violência considerada para o presente estudo foi definida a partir da pontuação dos critérios do instrumento CTS2 descritos por Strauss (2008) para violência física global. Para este conceito, o autor utiliza tanto as agressões consideradas como agressão menor (empurrar, agarrar, dar tapa, jogar objeto, torcer o braço e puxar o cabelo), quanto às agressões definidas por ele como agressão grave (dar soco, bater, chutar, jogar contra a parede, queimar ou escaldar, usar uma faca ou arma de fogo). É importante ressaltar que foram consideradas somente as percepções do sujeito quanto aos seus comportamentos violentos contra o parceiro. Além disso, o período de violência (atual ou passado) não foi diferenciado, tendo sido considerado todo o histórico de comportamento agressivo cometido na relação atual.

Procedimento para Coleta de Dados

Os questionários foram respondidos na residência dos sujeitos ou em local que eles indicaram como mais adequado. Mesmo que os instrumentos tenham sido autoaplicáveis, um integrante da equipe de pesquisa esteve presente durante a aplicação para esclarecimento de possíveis dúvidas.

O projeto maior, intitulado “Variáveis Preditoras da Violência Conjugal: Experiências na família de origem, características pessoais e correlacionais”, no qual o presente estudo se insere foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Unisinos e aprovado sob o parecer número 11/129. A pesquisa seguiu as recomendações éticas para a realização de estudos com seres humanos, de acordo com as orientações das Resoluções 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde e 026/2000 do Conselho Federal de Psicologia.

Procedimento de Análise dos Dados

Os dados foram analisados através do programa *Statistical Package for Social Science* (SPSS), versão 20.0. Foram realizadas análises descritivas (média, desvio padrão e porcentagens) para a caracterização da amostra e divisão desta em dois grupos: *sujeitos com histórico de violência física contra o parceiro na relação atual* e *os sujeitos sem histórico*. Além disso, foi realizada análise discriminante para identificar quais variáveis das escalas FBQ e YSQ – S3 (variáveis independentes) discriminavam os grupos com e sem histórico de violência física conjugal conforme CTS2 (variável dependente).

Resultados

A violência física grave cometida, considerando a própria avaliação, foi identificada em 7,6% dos sujeitos e a violência física menor em 24,2%. Quando considerados os dois tipos violência física (violência física global) cometida contra o parceiro, ao longo da relação atual, o índice foi de 25,4%. Entre as mulheres, 23,6%

cometiam violência contra o marido, enquanto que o índice entre os homens foi de 27,3%, não havendo diferença estatística significativa entre os sexos ($p=0.297$).

Percebe-se que a função obtida na análise entre sujeitos com histórico de violência física na relação atual e sem histórico, por ser única, explica 100% da variabilidade entre os dois grupos. A função discriminante é significativa ($\chi^2= 43,098$, $p=0,045$) e apresenta uma correlação canônica discriminante de 0,616 (Tabela 2).

Tabela 2 – Valores próprios da função obtida

Função	Valor próprio	Porcentagem de variância	Correlação Canônica	Wilks Lambda	χ^2	DF	Sig
1	0,610	100,0	0,616	0,621	43,098	29	0,045

Pode-se observar um λ de Wilks de 0,621, equivalente a uma variância explicada pela função discriminante de 29%. Com relação à classificação, a função obtida classifica corretamente 80,4% dos participantes em seus respectivos grupos, sendo um bom índice de classificação preditiva através do perfil da função obtida (Tabela 3).

Tabela 3 – Classificação dos grupos

	Grupo com histórico	Grupo sem histórico	Total
Original com histórico de violência física contra o parceiro	82,3%	17,7%	100%
Original sem histórico de violência física contra o parceiro	25%	75%	100%

80,4% dos casos originais foram corretamente classificados

As variáveis significativas e mais relevantes na capacidade discriminativa entre sujeitos com histórico de violência física na relação atual e sem histórico estão ordenadas por tamanho absoluto de correlação na matriz estrutural, tendo como ponto de corte 0,200 (Tabela 4). O grupo dos sujeitos com histórico de violência física na relação atual

apresentou valor centroe de -1,300, enquanto o grupo dos sujeitos sem histórico de violência física apresentou o valor de 0,461. Esses valores indicam que os grupos estão bem afastados pelo perfil obtido, podendo ser discriminados pelas variáveis apresentadas, sendo que o sinal das correlações obtidas indica a direção favorável a um grupo ou a outro. Os escores da escala FBQ (experiências na família de origem) indicam funcionalidade familiar, portanto, mesmo que alguns nomes das dimensões indiquem uma dimensão negativa, quando mais altos forem os escores, menos existe a presença da variável.

Tabela 4 – Matriz estrutural da função canônica discriminante: Correlações entre variáveis discriminantes e função discriminante estandardizada.

	Função 1
Abuso físico paterno	0,510
Esquema de desconfiança/abuso	- 0,371
Abuso sexual	0,349
Esquema de defectividade/vergonha	- 0,343
Abuso físico materno	0,318
Esquema de dependência/incompetência	- 0,280
Esquema de subjugação	- 0,257
Aliança parental	0,249
Negligência física	0,243
Esquema de isolamento social	- 0,243
Estilo de decisão materno	0,242
Ajustamento psicológico paterno	0,229
Ajustamento psicológico materno	0,212

É possível observar que os valores que mais discriminam os sujeitos com histórico de violência física na relação atual dos sujeitos sem histórico, na direção dos primeiros, estão associados aos EIDs. Além disso, os valores referentes a uma maior funcionalidade da família de origem discriminam os grupos a favor dos sujeitos sem histórico de violência conjugal.

Discussão dos Resultados

Os índices gerais de violência física cometida contra o parceiro íntimo (25,4%) confirmaram a prevalência encontrada em pesquisas prévias em âmbito nacional e internacional (Ansara & Hindin, 2009; Fehringer & Hindin, 2009; Mathias et al., 2013; Meekers et al., 2013; Jaoko, 2010; Stenson & Heimer, 2008; Strauss, 2008; Yoshihima & Horrocks, 2010). Entretanto, a prevalência dos casos de violência grave (7,6%) foi superior aos índices referidos por Strauss (2008; 1996; 1990), questionando a conclusão do autor de que este tipo de dinâmica violenta é um fenômeno raro. Quando considerada a violência física global cometida por homens e mulheres separadamente, os achados estão na mesma direção de estudos que contrariam a visão de que o homem é sempre agressor e a mulher a vítima (Bates et al., 2013; Bernardis & Graham, 2013; Falcke et al., 2009; Oliveira & Souza, 2006), já que um alto índice de mulheres admitiu cometer violência física contra seus parceiros, não havendo diferença estatística significativa entre os grupos ($p=0.297$).

As variáveis que melhor caracterizam os sujeitos com histórico de violência física global contra o parceiro, quando comparados aos sujeitos sem histórico, foram os EIDs, mais especificadamente os esquemas de desconfiança/abuso, defectividade/vergonha, dependência/incompetência, subjugação e isolamento social. Esses achados corroboram os resultados de estudos prévios que associam os EIDs à manutenção de relacionamentos violentos, em especial os esquemas do domínio Desconexão e Rejeição (Calvete et al., 2007; Crawford e Wright, 2007; Khosravi et al., 2011; Paim et al., 2012;).

Com relação aos âmbitos que discriminam a favor dos sujeitos sem histórico de violência contra o parceiro, identificou-se a maior funcionalidade das experiências na família de origem nos seguintes aspectos: abuso físico paterno, abuso sexual, abuso físico materno, negligência física, aliança parental, estilo de decisão materno, ajustamento psicológico paterno e materno. Ressalta-se que ainda que algumas dimensões sejam

nomeadas de forma a refletir experiências negativas, no FBQ, maiores escores referem-se a melhor funcionalidade familiar, ou seja, menores índices de ocorrência dessas experiências.

As características discriminantes dos dois grupos vão ao encontro da teoria proposta por Young (1990), sendo que, para o autor, a forma como o indivíduo vivencia as relações atuais está relacionada com as experiências de satisfação emocional nas relações primárias. (Young et al., 2003). Dessa forma, quanto maior a funcionalidade familiar, menor será a chance de indivíduos manterem relações destrutivas, da mesma forma em que quanto maior a disfuncionalidade, maior a chance de perpetuação de um padrão de relacionamento abusador. Tais resultados reforçam conclusões de outros estudos que ressaltam a importância da família de origem na transmissão da violência conjugal (Milletich et al., 2010; Pournaghash-Tehrani & Feizabadi, 2009; Santos & Costa, 2004).

A insegurança nas relações íntimas é a característica principal dos esquemas de desconfiança/abuso, defectividade/vergonha e isolamento social, que fazem parte do primeiro domínio esquemático (Desconexão e Rejeição). A dificuldade de manter relações mais estáveis é explicada pela sensação de não serem aceitos e medos quanto às consequências negativas de uma relação mais íntima (Young et al., 2003). Com isso, a constante sensação de perigo desencadeia uma série de estratégias de enfrentamento defensivas, entre elas a violência. Sendo assim, é possível compreender a violência contra o parceiro íntimo como uma inabilidade de lidar com ativações emocionais oriundas dos EIDs do domínio de Desconexão e Rejeição, o que também é sugerido por outros estudos (Calvete, et al., 2007; Khosravi et al., 2011; Messman-Moore & Coates, 2007).

O esquema de desconfiança/abuso vem demonstrando evidente importância para o entendimento de comportamentos violentos nos relacionamentos íntimos. Estudos realizados em diferentes países como Brasil, Estados Unidos e Irã mostraram-se unânimes

quanto à presença desse esquema na violência conjugal (Calvete et al., 2007; Khosravi et al., 2011; Paim et al., 2012;). Nos resultados obtidos por Paim et al. (2012), o esquema de desconfiança/abuso associou-se tanto à perpetração quanto à vitimização da violência conjugal e as autoras entendem a violência como estratégia desadaptativa do esquema para lidar com ativações emocionais desencadeadas por problemas conjugais. Assim, a crença de que os outros são pouco confiáveis e que lhes farão mal intencionalmente é ativada e mantida nos relacionamentos. Os comportamentos agressivos e abusivos por parte de indivíduos podem ser uma estratégia para supercompensar o esquema (McGinn & Young, 2012).

A supercompensação do esquema, segundo Young (1990), representa tentativas primitivas infantis utilizadas pela criança para aliviar e enfrentar a dor de maus tratos precoces. Entretanto, tais estratégias são mantidas na idade adulta e, geralmente, tornam-se muito extremadas e disfuncionais, servindo como manutenção do esquema. Dessa forma, as agressões contra o cônjuge podem ser consideradas como parte de processos do esquema e acabam por manter sua validade, já que os relacionamentos disfuncionais na vida adulta tendem a repetir vivências traumáticas responsáveis pelo desenvolvimento do EID (Young & Behary, 1998).

Vivências precoces de violência física, abuso sexual e negligência são responsáveis pela a formação dos esquemas do domínio Desconexão e Rejeição, consolidando crenças negativas sobre si mesmo, sobre os outros e sobre as relações. Sensações e memórias de rejeição, abuso, abandono e privações do passado são revividas nas relações atuais e as estratégias para lidar com intensas ativações emocionais, geralmente, são também primitivas e infantis.

Saindo do primeiro domínio esquemático, o esquema de dependência/incompetência foi o único do segundo domínio (Autonomia e Desempenho

Prejudicados) que se mostrou representativo do grupo dos sujeitos com histórico de violência física contra o parceiro. O mesmo esquema também foi relacionado à perpetração da violência no estudo de Paim et al., (2012). As autoras consideram que, frente à dificuldade em resolver de forma eficaz os conflitos conjugais, o indivíduo pode passar a apresentar o comportamento violento contra o parceiro, já que quando a crença de incompetência é ativada, são desencadeadas respostas emocionais negativas, além de respostas de enfrentamento disfuncionais. Desse modo, mesmo que pareça vincular-se a comportamentos submissos devido às suas características, indivíduos com esse esquema parecem passar da passividade para a agressividade na interação interpessoal, demonstrando poucas habilidades assertivas. Essa dificuldade também é destacada no estudo citado anteriormente, pois os participantes com esquema de dependência/incompetência indicaram baixos níveis de negociação no relacionamento.

Os sujeitos com esquemas do domínio Autonomia e Desempenho Prejudicados tipicamente possuem uma família intrusiva que impede a autoconfiança da criança. Com isso, crenças de incompetência e relações emaranhadas são mantidas ao longo da vida adulta como forma de perpetuação do esquema (Young et al., 2003). Assim, a dificuldade de estabelecer uma postura autônoma pode favorecer a dinâmica abusiva, invasiva e desrespeitosa no relacionamento conjugal, incluindo o abuso físico.

Famílias em que os desejos emocionais dos pais são mais valorizados do que as necessidades e sentimentos singulares da criança são responsáveis pela formação dos esquemas do domínio Orientação para o Outro. Com o objetivo de obter aprovação, amor, aceitação ou mesmo aliviar a dor dos cuidadores, as crianças aprendem a colocar o foco nos sentimentos e respostas dos outros (Young et al., 2003). Apenas o esquema de subjugação desse domínio foi considerado variável discriminante dos grupos, caracterizando os sujeitos com histórico de comportamentos violentos contra o parceiro.

Esse esquema diz respeito a uma entrega excessiva de controle aos outros, incluindo o cônjuge, pois há um medo de retaliação. Sendo assim, a passividade, evitando demonstrar opiniões e necessidades, é utilizada para não gerar emoções negativas nas outras pessoas (Young, 1990). A falta de estratégias de negociação de indivíduos com o esquema de subjugação foi apontada no estudo de Paim et al., (2012), o que pode ser explicado pela falta de assertividade e dificuldade de expressão das necessidades que devem ser atendidas pelo companheiro. A percepção de que seus próprios desejos, opiniões e sentimentos não são válidos ou importantes para o outro, possivelmente, estabelece a insatisfação nos relacionamentos íntimos. McGinn & Young (2012) destacam que a insatisfação leva ao desenvolvimento de raiva que é manifestada em sintomas disfuncionais, tais como comportamento passivo-agressivo e explosões descontroladas. Além disso, Young et al. (2003) consideram que o esquema de subjugação pode ser um esquema secundário, ou seja, formado para lidar com crenças e ativações emocionais de esquemas dos primeiros domínios. Sendo assim, é possível pensar que o esquemas de desconfiança/abuso, defectividade/vergonha, isolamento social e dependência/incompetência também podem estar presentes nesses indivíduos.

Os achados reforçam os resultados de pesquisas anteriores que destacam a relação de vivências abusivas na infância com a violência conjugal (Crawford & Wright, 2007; Messman-Moore & Coates, 2007; Simons et al., 2012; Straus & Gelles, 1990). Na mesma direção, os resultados demonstraram que uma maior funcionalidade da família de origem quanto à ausência de abuso físico paterno, abuso físico materno, abuso sexual e negligência física aparecem como características discriminantes a favor dos sujeitos sem histórico de violência.

A dimensão de aliança parental do FBQ refere-se às regras ou instruções que os pais, como subsistema, direcionam aos filhos e a capacidade de resolução de conflitos em

conjunto do casal. Essa dimensão caracteriza preponderantemente os sujeitos sem histórico de violência, pois uma maior aliança, ausência de violência entre os pais e maior alinhamento frente aos direcionamentos e instruções aos filhos pode deixar a criança mais segura do seu desempenho fora da família, reforçando ideias de competência. Comportamentos violentos entre os pais, presente na dimensão de aliança parental, também poderiam servir como exemplo de incapacidade de resolver conflitos de forma adaptativa ou assertiva. Desta forma, os filhos que não são expostos à hostilidade interparental tem menor probabilidade de vivências violentas nos relacionamentos amorosos, como confirmam estudos prévios (Milletich et al., 2010; Pournaghash-Tehrani & Feizabadi, 2009; Santos & Costa, 2004; Renner & Slack, 2006; Simons et al., 2012).

Seguindo a mesma perspectiva, os resultados sugerem que um maior ajustamento emocional parental é uma variável que caracteriza o grupo sem histórico de violência, sendo que a ausência de dificuldades emocionais dos pais podem explicar uma maior atenção às necessidades da criança. Além disso, uma maior funcionalidade no estilo de decisão materno, que contempla a sensação de ter se sentido escutado e validado nas suas atitudes e opiniões na infância, também caracterizou o mesmo grupo. Desta forma, pais funcionais, estáveis, coerentes e ajustados psicologicamente, que consigam dar atenção às necessidades e sentimentos dos filhos, são fundamentais para o desenvolvimento de adultos que conseguem validar suas próprias necessidades e buscar o atendimento das mesmas com estratégias adequadas de resolução de conflitos nos relacionamentos amorosos, protegendo-os contra a utilização estratégias violentas.

Considerações Finais

A partir desta pesquisa, foi possível descrever um perfil discriminante dos sujeitos que apresentam histórico de violência física na relação atual em comparação aos que não

apresentam. Os achados são importantes para uma maior compreensão de variáveis que explicam a violência física contra o parceiro íntimo.

Os resultados encontrados corroboraram os dados de estudos prévios, realizados em âmbito internacional, que consideram os EIDs como variáveis associadas à manutenção de relacionamentos violentos. A maior presença de EIDs do primeiro domínio esquemático para explicar a violência física contra o parceiro íntimo deve ser destacada, pois reforça a perspectiva de que o comportamento violento nas relações conjugais pode ser uma estratégia de enfrentamento disfuncional para lidar com crenças e ativações emocionais decorrentes do domínio de Desconexão e Rejeição. Assim, a dificuldade de estabelecer vínculos seguros e a sensação de perigo iminente frente à relação conjugal podem ser manifestadas em forma de agressões físicas contra o parceiro.

Outro aspecto a ser considerado como conclusão do presente estudo diz respeito à importância de experiências primárias de funcionalidade da família de origem para o desenvolvimento de adultos com relacionamentos não violentos, o que reforça teorias já existentes, incluindo a de Young (1999). Foi possível concluir que famílias que apresentam maior funcionalidade protegem os filhos de experiências abusivas contra o parceiro íntimo na vida adulta. Indivíduos que não perpetram a violência no relacionamento conjugal têm recordações de maior funcionalidade parental referente aos cuidados quanto às necessidades físicas e emocionais na infância. Além disso, a maior estabilidade emocional dos pais e da relação conjugal dos mesmos também parecem proteger os filhos quanto à violência física conjugal.

Com isso, é possível elaborar medidas preventivas com maior precisão, considerando as necessidades emocionais básicas da infância e focalizando na educação, apoio e atendimento aos pais, visando uma maior funcionalidade familiar. Além disso, os tratamentos terapêuticos para casais em situação de violência devem estar baseados em

intervenções que vão além dos comportamentos violentos, mas que enfoquem também nas crenças oriundas dos esquemas, especialmente os de desconfiança/abuso, defectividade/vergonha, isolamento social, dependência/incompetência e subjugação. As técnicas da Terapia do Esquema tornam-se necessárias, nesse sentido, para complementar protocolos de intervenções para casais em situação de violência.

Referências

- Alvim, S. F., & Souza, L. (2005). Violência conjugal em uma perspectiva relacional: homens e mulheres agredidos/agressores. *Psicologia: Teoria e Prática*, 7(2), 171-206. Recuperado de <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1041>
- Ansara, D. L., & Hindin, M. J. (2009). Perpetration of Intimate partner aggression by men and women in the Philippines: prevalence and associated Factors. *Journal of Interpersonal Violence*, 24(9), 1579-1590. doi: 10.1177/0886260508323660
- Bates, E. A., Graham-Kevan N., & Archer J. (2013). Testing predictions from the male control theory of men's partner violence. *Aggression and Violent Behavior*, 22 (6). doi: 10.1002/ab.21499
- Bernards S., & Graham K. (2013). The cross-cultural association between marital status and physical aggression between intimate partners. *Journal of Family Violence*. 1:28 (4), 403-418. doi: 10.1007/s10896-013-9505-1
- Boyle, D. J., O'Leary, K. D., Rosenbaum, A., & Hassett-Walker, C. (2008). Differentiating between generally and partner-only violent subgroups: Lifetime antisocial behavior, family of origin violence, and impulsivity. *Journal of Family Violence*, 23(1), 47-55. doi: 10.1007/s10896-007-9133-8
- Calvete, E., Estévez, A., & Corral, S. (2007). Intimate partner violence and depressive symptoms in women: Cognitive schemas as moderators and mediators. *Behavior Research and Therapy*, 45(4), 791-804. doi: 10.1016/j.brat.2006.07.006
- Cazassa, M., & Oliveira, M. (2008). Terapia focada em esquemas: Conceituação e pesquisas. *Revista de Psiquiatria Clínica*. 35(5), 187-195. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832008000500003>
- Cecero, J. J., & Young, J. E. (2001). Case of Silvia: A schema-focused approach. *Journal of Psychotherapy Integration*, 11(2), 217-229. doi: 10.1023/A:1016657508247
- Coker A. L., Smith P. H., McKeown, R. E., & PhD, & King, M. J. (2000). Frequency and correlates of intimate partner violence by type: physical, sexual, and psychological battering. *American Journal of Public Health*.90 (4), 553-559. doi: 10.2105/ajph.90.4.553

- Crawford, E., & Wright, M. O. (2007). The impact of childhood psychological maltreatment on interpersonal schemas and subsequent experiences of relationship aggression. *Journal of Emotional Abuse*, 7(2), 93-116. doi: 10.1300/J135v07n02_06
- Falcke, D., Oliveira, D. Z., Rosa, L. W., & Bentancur, M. (2009). Violência conjugal: um fenômeno interacional. *Contextos Clínicos*, 2(2), 81-90. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000200002&lng=pt&tlng=pt
- Falcke, D. (2003). *Águas passadas não movem moinhos? As experiências na família de origem como predictoras da qualidade do relacionamento conjugal*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Fang, X., & Corso, P. S. (2008). Gender differences in the connections between violence experienced as a child and perpetration of intimate partner violence in young adulthood. *Journal of Family Violence*, 23(5), 303-313. doi: 10.1007/s10896-008-9152-0
- Fang, X., & Corso, P. S. (2007). Child maltreatment, youth violence, and intimate partner violence. *American Journal of Preventive Medicine*, 33(4), 281-290. doi: 10.1016/j.amepre.2007.06.003
- Fehringer, J. A., & Hindin, M. J. (2009). Like Parent, Like Child: Intergenerational transmission of partner violence in Cebu, the Philippines. *Journal of Adolescent Health*, 44(4), 363-371. doi:10.1016/j.jadohealth.2008.08.012
- Fergusson, D. M., Boden, J. M., & Horwood, L. J. (2006). Examining the intergenerational transmission of violence in a New Zealand birth cohort. *Child Abuse and Neglect*, 30(2), 89-108. doi: 10.1016/j.chiabu.2005.10.006
- Jaoko, J. (2010). Correlates of wife abuse in the Maseno and Nairobi areas of Kenya. *International Social Work*, 53(1), 9-18. doi: 10.1177/0020872809348864
- Johnson, M. P., & Ferraro, K. J. (2000). Research on domestic violence in the 1990s: Making distinctions. *Journal of Marriage and the Family*, 62 (4), 948-963. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/1566718>
- Godbout, N., Dutton, D. G., Lussier, Y., & Sabourin, S. (2009). Early exposure to violence, domestic violence, attachment representations, and marital adjustment. *Personal Relationships*, 16(3), 365- 384. doi: 10.1111/j.1475-6811.2009.01228.x
- Kerley, K. R., Xu, X. H., Sirisunyaluck, B., & Alley, J. M. (2010). Exposure to family violence in childhood and intimate partner perpetration or victimization in adulthood: Exploring intergenerational transmission in urban Thailand. *Journal of Family Violence*, 25(3), 337-347. doi: 10.1007/s10896-009-9295-7
- Kernsmith, P. (2006). Gender differences in the impact of family of origin violence on perpetrators of domestic violence. *Journal of Family Violence*, 21(2), 163-171. doi: 10.1007/s10896-005-9014-y

- Khosravi, Z., Attari, A., & Rezaei, S. (2011). Intimate partner violence in relation to early maladaptive schemas in a group of outpatient Iranian women. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 30, 1374-1377. doi:10.1016/j.sbspro.2011.10.266
- Mathias, A. R. A, Bedone, A. J, Osis, M. J. D., & Fernandes, A. M. S. (2013). Prevalência da violência praticada por parceiro masculino entre mulheres usuárias da rede primária de saúde do Estado de São Paulo. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 35(4), 185-191. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032013000400009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032013000400009&lng=en&tlng=pt)
- McGinn, L. K., & Young, J. E. (2012). Terapia Focada no Esquema. In Salkovskis, P. M. (Ed.), *Fronteiras da Terapia Cognitiva* (pp.179-200). São Paulo: Casa do Psicólogo
- Meekers D., Pallin P., & Hutchinson P. (2013). Intimate partner violence and mental health in Bolivia. *BMC Women's Health*, 13 (06) 13-28. doi: 10.1186/1472-6874-13-28
- Melchert, T. (1998). Testing the validity of an instrument for assessing family of origin history. *Journal of Clinical Psychology*, 54(7), 863-875. doi: 10.1002/(SICI)1097-4679(199811)
- Messman-Moore, T. L., & Coates, A. A. (2007). The Impact of childhood psychological Abuse on adult Interpersonal conflict: the role of early maladaptive schemas and patterns of interpersonal behavior. *Journal of Emotional Abuse*. 7(2), 75-92. doi: [10.1300/J135v07n02_05](https://doi.org/10.1300/J135v07n02_05)
- Milletich, R. J., Kelley, M. L., Doane, A. N., & Pearson, M. R. (2010). Exposure to interparental violence and childhood physical and emotional abuse as related to physical aggression in undergraduate dating relationships. *Journal of Family Violence*, 25(7), 627-637. doi: 10.1007/s10896-010-9319-3
- Milner, J. S., Thomsen, C. J., Crouch, J. L., Rabenhorst, M. M., Martens, P. M., Dyslin, C. W., ... Merrill, L. L. (2010). Do trauma symptoms mediate the relationship between childhood physical abuse and adult child abuse risk? *Child Abuse and Neglect*, 34(5), 332-344. doi: 10.1016/j.chiabu.2009.09.017
- Moraes, C. L, Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento “Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)” utilizado para identificar violência entre casais. *Cadernos de Saúde Pública*. 18(1), 163-176. Recuperado de [http:// dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2002000100017](http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2002000100017)
- Oliveira, D.C., & Souza, L. (2006). Gênero e violência conjugal concepções de psicólogos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 6 (2), 34-50. Recuperado de <http://www.revispsi.uerj.br/v6n2/artigos/pdf/v6n2a04.pdf>
- Organização Mundial da Saúde (2005) *Violência Contra a Mulher*. Geneva, WHO. Disponível em <http://www.who.int/en/>. Acesso em: maio de 2011.
- Paim, K., Madalena M., & Falcke, D. (2012). Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*. 8(1), 31-39. Recuperado de http://www.rbtc.org.br/detalhe_resumo.asp?id=155

- Pournaghash-Tehrani, S., & Feizabadi, Z. (2009). Predictability of physical and psychological violence by early adverse childhood experiences. *Journal of Family Violence*, 24(6), 417-422. doi: 10.1007/s10896-009-9245-4
- Renner, L. M., & Slack, K. S. (2006). Intimate partner violence and child maltreatment: Understanding intra- and intergenerational connections. *Child Abuse and Neglect*, 30(6), 599-617. doi: 10.1016/j.chiabu.2005.12.005
- Rijo, D., & Pinto Gouveia, J. (1999). A new instrument for the assessment of early maladaptive schemas. Poster presented to the Society for Psychotherapy Research 30th Annual Meeting, Braga.
- Santos, L. V., & Costa, L. F. (2004). Avaliação da dinâmica conjugal violenta e suas repercussões sobre os filhos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6(1), 59-72. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872004000100005
- Simons L. G., Simons R. L., Lei, M. K., Hancock D. L. & Fincham F. D. (2012). Parental Warmth Amplifies the Negative Effect of Parental Hostility on Dating Violence. *Journal of Interpersonal Violence*. 2 (13), 2603-2626. doi: 10.1177/0886260512436387
- Stenson, K., & Heimer, G. (2008). Prevalence of Experiences of Partner Violence among Female Health Staff: Relevance to Awareness and Action When Meeting Abused Women Patients. *Women's Health Issues*, 18(2), 141-149. doi: 10.1016/j.whi.2007.12.003
- Strauss M. A. (2008). Dominance and symmetry in partner violence by male and female university students in 32 nations. *Children and Youth Services Review* 30 (10) 252–275. doi: 10.1016/j.chilyouth.2007.10.004
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17(3), 283-316. DOI: 10.1177/019251396017003001
- Straus, M. A. (1990). The National Family Violence Surveys. In Straus M. A. & Gelles R. J. (Eds.), *Physical violence in American families: risk factors and adaptations to violence in 8145 families* (pp. 3–16). New Brunswick: Transaction Publishers.
- Straus, M. A., & Gelles, R. J. (1990). *Physical violence in american families: risk factors and adaptations to violence in 8,145 families*. New Brunswick, NJ: Transaction.
- Yoosefi, N., Etemadi, O., Bahrami, F., Fatehizade, M. A., & Ahmadi, S. A. (2010). An investigation on early maladaptive schema in marital relationship as predictors of divorce. *Journal of Divorce e Remarriage*, 51(5), 269-292. DOI: 10.1080/10502551003651951
- Yoshihima, M., & Horrocks, J. (2010). Risk of intimate partner violence: Role of childhood sexual abuse and sexual initiation in women in Japan. *Children and Youth Services Review*, 32(1), 28-37. doi: 10.1016/j.chilyouth.2009.06.013

- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2003). *Schema therapy: A practitioner's guide*. New York: Guilford Press.
- Young, J. E., & Behary, W. T. (1998). Schema-focused therapy for personality disorders. In Tarrier, N., Wells, N., & Haddock, G. (Eds.), *Treating complex cases: The cognitive behavioural approach* (pp. 340-376). New York: John Wiley & Sons.
- Young, J. E. (1990). *Cognitive therapy for personality disorders: A schema-focused approach*. Sarasota, FL: Professional Resource Press.
- Wang, M., Horne, S. G., Holdford, R., & Henning, K.R. (2008). Family of origin violence predictors of IPV by two types of male offenders. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 17*(2), 156-174. doi: 10.1080/10926770802355915
- Wareham, J., Boots, D. P., & Chavez, J. M. (2009). A test of social learning and intergenerational transmission among batterers. *Journal of Criminal Justice, 37*(2), 163-173. doi: 10.1016/j.jcrimjus.2009.02.011
- Weisbart, C. E., Thompson, R., Pelaez-Merrick, M., Kim, J., Wike, T., Briggs, E., ...Dubowitz, H. (2008). Child and adult victimization: Sequelae for female caregivers of high-risk children. *Child Maltreatment, 13*(3), 235-244. doi: 10.1177/1077559508318392

Seção II

As Experiências na Família de Origem e os Esquemas Iniciais Desadaptativos como Preditores de Violência Conjugal em Homens e Mulheres⁴

Kelly Paim⁵
Denise Falcke⁶

RESUMO

A violência conjugal é uma problemática mundial que abrange diferentes classes econômicas, raças e etnias. Partindo-se do pressuposto de que a dinâmica conjugal violenta é um fenômeno complexo e interacional, o presente estudo se propõe a identificar variáveis preditoras do fenômeno, utilizando a perspectiva da Teoria dos Esquemas de Jeffrey Young. Sendo assim, foi investigado o poder das experiências na família de origem e dos Esquemas Iniciais Desadaptativos como preditores da violência física cometida e sofrida na relação conjugal conforme o sexo. A amostra foi constituída por 181 homens e 181 mulheres e os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: *Young Schema Questionnaire (YSQ-S3)*, e *Revised Conflict Tactics Scale (CTS2)*. A análise dos resultados foi realizada através de análise de regressão múltipla com método stepwise. Os resultados indicaram que o esquema de defectividade/vergonha das mulheres e dos homens e o esquema de desconfiança/abuso dos homens são variáveis preditoras da violência física cometida contra o cônjuge. O maior ajustamento materno foi considerado a variável protetiva de comportamentos violentos cometidos pelas mulheres. Em relação à vitimização da violência, os esquemas de desconfiança/abuso das mulheres e dos homens, assim como o esquema de defectividade/vergonha dos homens foram identificados como preditores de violência física sofrida nos relacionamentos íntimos. A maior funcionalidade do estilo de decisão materno foi identificada como protetor de vitimização de violência para as mulheres. Os achados ampliam a discussão sobre as variáveis que podem explicar o fenômeno da violência conjugal, consolidando a importância da avaliação dos Esquemas Iniciais Desadaptativos em situação de violência conjugal.

Palavras-chave: violência conjugal, esquemas iniciais desadaptativos, relacionamento conjugal.

ABSTRACT

Marital violence is a worldwide issue that affects several economic, racial and ethnic groups. Assuming that the marital violence dynamics is interactive, this study aims to identify the predicting variables of the phenomenon, through the perspective of the Theory of Schemas by Jeffrey Young. This way, the importance of experiences within the family

⁴ Artigo de pesquisa apresentado ao Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica, como requisito para aprovação no mestrado da Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS).

⁵ Psicóloga, Mestranda em Psicologia Clínica, Bolsista Fapergs.

⁶ Psicóloga, Doutora em Psicologia (PUCRS). Docente do Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica da Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS).

of origin as well as the Early Maladaptive Schemas predicting marital physical violence between men and women were investigated. There was a sample made up of 181 men and 181 women and the instruments applied for data collection were: *Young Schema Questionnaire (YSQ-S3)* and *Revised Conflict Tactics Scale (CTS2)*. The analysis of the results was carried out through multiple regression analysis with the stepwise methodology. The results show that the defectiveness/shame schema in both men and women and the mistrust/abuse schema in men are predicting variables of the violence committed against the spouse. A longer adjustment in mothers was considered the protective variable of violent behaviors among women. Regarding the victimization of the violence, the defectiveness/shame schema in both men and women and the Mistrust/Abuse schema in men are predicting variables of the violence suffered in the intimate relationships. More functionality in the decision-making styles of mothers was identified as a violence-victimization protector among women. The outcome of this study amplifies the discussion on the variables which can identify the marital violence phenomenon, consolidating the importance of the Early Maladaptive Schemas in the marital violence.

Keywords: marital violence, *Early Maladaptive Schemas*, marital relationships.

Introdução

A transmissão transgeracional da violência conjugal é amplamente aceita e confirmada em diversas investigações (Fang & Corso, 2008; Fergusson, Boden & Horwood, 2006; Fang & Corso, 2007; Godbout et al., 2009; Kerley, Xu, Sirisunyaluck & Alley, 2010; Milner et al., 2010; Pournaghash-Tehrani & Feizabadi, 2009; Wang, Horne, Holdford & Henning, 2008; Wareham, Boots & Chavez, 2009; Weisbart et al., 2008). Pesquisas apontam que um ambiente violento na família é fator de risco para problemas de saúde mental de crianças e adolescentes (Anderson & Bang, 2012; Sá, Bordin, Martin & Paula, 2010). As consequências do estresse precoce na infância são observadas inclusive no desenvolvimento da estrutura e funcionamento cerebral das vítimas dessa problemática (Martins, Tofoli, Baes, & Juruena, 2011; Tofoli, Baes, Martins & Juruena, 2011). Em termos de estrutura, incluem anormalidades no desenvolvimento do corpo caloso, neocórtex esquerdo, hipocampo e amígdala; enquanto que as consequências funcionais incluem um aumento da irritabilidade nas áreas límbicas, disfunções do lobo frontal e redução da atividade funcional do vermis cerebelar; além de serem constatadas

consequências neuro-humorais que englobam a reprogramação do eixo hipotálamo-pituitária-adrenal (HPA) (Grassi-Oliveira, Ashy & Stein, 2008; Mello et al., 2009).

Autores enfatizam ainda que a exposição a experiências de abuso e vivências de relacionamentos instáveis na infância ameaçam a segurança das relações de apego e resultam em modelos desadaptativos de crenças sobre si mesmo, sobre os outros e sobre as relações, gerando vínculos de apego inseguros ao longo da vida (Cecero & Young, 2001; Platts, Mason & Tyson, 2005; Young et al., 2003). Sendo assim, a ocorrência de estresse precoce tem duradouras consequências negativas no desenvolvimento neuropsicológico do indivíduo, e as relações primárias, em especial vivenciadas na família de origem, são fundamentais para a formação da personalidade.

Indivíduos que crescem em um ambiente violento podem apresentar diferentes quadros psicopatológicos ao longo do desenvolvimento (Caballo, 2007). Pesquisas recentes confirmam que maus tratos na infância são considerados os principais fatores preditores para o desenvolvimento dos Transtornos de Personalidade (Cohen et al., 2013; Hengartner, Ajdacic-Gross, Rodgers, Müller & Rössler, 2013). Em um estudo com criminosos, realizado em Toronto, Canadá, Kolla et al. (2013) identificaram uma forte influência do abuso físico na infância no desenvolvimento de agressão reativa persistente ao longo da vida. Hengartner et al. (2013), em sua pesquisa com 512 participantes em Zurique, utilizando análises multivariadas, também encontraram o abuso físico como variável preditora de Transtorno de Personalidade Antissocial. Já Cohen et al. (2013), em um estudo nos Estados Unidos com 156 pacientes psiquiátricos não psicóticos, concluíram que o abuso emocional está relacionado com maior gravidade de psicopatologia de personalidade.

Sendo assim, viver a violência na família de origem, sofrendo agressão dos pais e testemunhando agressão entre eles, tem sido apontado como um dos maiores preditores de transtornos da personalidade e do desenvolvimento, além de aumentar a predisposição para agressão conjugal (Boyle, O'Leary, Rosenbaum & Hassett-Walker, 2008; Kernsmith, 2006). Por outro lado, alguns autores questionam a ideia de linearidade e determinismo entre a violência vivida na família de origem e a perpetuação em relacionamentos violentos na vida adulta. Índices modestos na relação de causa e efeito entre as experiências passadas e as atuais, encontrados em alguns estudos, sugerem que outras variáveis possam explicar a perpetuação do fenômeno da violência conjugal (Delson & Margolin, 2004; Stith et al., 2000).

Mesmo que a repetição dos padrões violentos entre as gerações seja observada por muitos estudos, a dinâmica da perpetuação da violência ainda não é clara, uma vez que muitas pessoas agredidas na infância não se tornam agressoras, o que torna questionável a perspectiva determinista de causa-efeito. Nesse sentido, pode-se pensar na existência de variáveis mediadoras entre as experiências na família de origem e a violência conjugal, dentre elas os Esquemas Iniciais Desadaptativos, conforme proposto por Young (Young, Klosko & Weishaar, 2003). Partindo-se desse pressuposto, no presente trabalho, pretende-se identificar, além das experiências vivenciadas na família de origem, a força preditiva dos Esquemas Iniciais Desadaptativos na violência conjugal.

Experiências de Abuso nas Relações Primárias e o Desenvolvimento dos Esquemas Iniciais Desadaptativos

As experiências relacionais precoces na estruturação da personalidade são destacadas por Young (1990). O autor amplia o modelo de esquemas da terapia cognitivo-comportamental de Aaron Beck, considerando a existência de Esquemas Iniciais

Desadaptativos (EIDs), como estruturas interpretativas rígidas, abrangentes, duradouras e disfuncionais, que trazem prejuízos funcionais para o indivíduo, principalmente nos relacionamentos interpessoais (Cecero & Young, 2001). A teoria propõe que situações cotidianas do presente ativam lembranças, emoções, sensações corporais e cognições infantis vivenciadas em experiências nocivas na infância, gerando modos de funcionamento desadaptativos (Young et al., 2003). De acordo com o autor, os EIDs estão por trás dos comportamentos desadaptativos, sendo estes apenas estratégias de enfrentamento utilizadas diante da ativação esquemática.

Nesse sentido, Young (1990) propõe que, para uma estruturação saudável da personalidade, algumas necessidades emocionais do desenvolvimento infantil precisam ser satisfeitas: vínculo seguro; autonomia, competência e sentimento de identidade; liberdade de expressão e validação de necessidades e emoções; espontaneidade e lazer; limites realistas e autocontrole. Deste modo, relações primárias e vivências precoces que não atendam tais necessidades, combinadas ao temperamento inato da criança e acontecimentos traumáticos, explicariam a origem dos EIDs (Young et al., 2003). MccCarthy e Lumley (2012) contribuem para o entendimento da relação entre maus tratos na infância e a construção dos EIDs, sendo que o estudo também considerou como variáveis outras formas de maus tratos ao longo da vida. Os resultados da pesquisa com 97 universitários canadenses destacaram que os maus tratos na infância são responsáveis tanto pela construção dos EIDs incondicionais (primários) como condicionais (criados posteriormente como estratégias de enfrentamento da ativação dos EIDs primários). Com o objetivo de entender a relação entre abuso emocional/negligência emocional e sintomas de ansiedade, depressão, dissociação, bem como EIDs, em estudantes universitários dos Estados Unidos, Wright, Crawford e Del Castillo (2009) utilizaram análise de regressão multivariada com uma amostra de 301 universitários de ambos os sexos. Os resultados

revelaram que as percepções de abuso e negligência emocional na infância exercem uma influência sobre os sintomas emocionais posteriores, sendo que os EIDs foram identificados como variáveis mediadoras entre as experiências infantis e os sintomas emocionais na vida adulta. Portanto, o estudo sugere que a forma como os estudantes universitários internalizaram as experiências infantis podem ser ainda mais importantes do que os próprios eventos em si, e que os EIDs exercem impacto em longo prazo na vida dos sujeitos.

A eleição do parceiro íntimo e a interação conjugal podem acontecer de forma que contribua para a manutenção dos EIDs do indivíduo (Young et al., 2003). Situações vivenciadas no relacionamento desencadeiam uma interação esquemática entre o casal, que pode aparecer como um padrão repetitivo, autoperpetuado e destrutivo, envolvendo ciclos complexos de respostas cognitivas, comportamentais, emocionais e biológicas (Yoosefi, Etemadi, Bahrami, Fatehizade & Ahmadi, 2010) e essas interações negativas entre o casal podem contribuir para um relacionamento violento (Paim, Madalena & Falcke, 2012). Sendo assim, os estilos de enfrentamento desadaptativos usados diante da ativação esquemática, que normalmente acontece pela revivência de emoções ou situações que foram familiares ou estressantes no passado, fazem com que os esquemas do parceiro sejam ativados, ocasionando o ciclo esquemático do casal (Behary & Young, 2011).

Os Esquemas Iniciais Desadaptativos e a Violência Conjugal

Estudos destacam que os esquemas do primeiro domínio (Desconexão e Rejeição) estão presentes no funcionamento interpessoal violento (Calvete, Estevez & Corral, 2007; Crawford & Wright, 2007; Khosravi, Attari & Rezaei, 2011; Paim et al., 2012). Isso pode ser explicado pelo fato do primeiro domínio descrever indivíduos que possuem dificuldades em manter vínculos seguros (Young et al., 2003). A sensação constante de frustração

quanto às expectativas de segurança, empatia e aceitação podem repercutir em respostas de enfrentamento desadaptativas, incluindo a vitimização e perpetração de violência nos relacionamentos íntimos (McGinn & Young, 2012; Paim et al., 2012).

Com o objetivo principal de testar um modelo em que os esquemas do primeiro domínio eram variáveis mediadoras entre abuso psicológico na infância e conflitos interpessoais em mulheres universitárias Messman-Moore e Coates (2007) realizaram uma investigação com 382 mulheres universitárias nos Estados Unidos. Os resultados foram analisados através de modelagem de equações estruturais e mostraram que a relação entre abuso psicológico na infância e conflitos interpessoais foi mediada por três esquemas do primeiro domínio: desconfiança/abuso, defectividade/vergonha e abandono. Com isso, o estudo sugere que há um impacto duradouro do abuso psicológico na infância e que os efeitos da violência psicológica persistem através dos EIDs do primeiro domínio esquemático. No mesmo sentido, Calvete et al. (2007) investigaram o papel dos EIDs como mediadores entre violência conjugal e sintomas depressivos em 312 mulheres vítimas de violência, oriundas da Espanha. Os resultados obtidos também indicaram que os esquemas do domínio de desconexão e rejeição foram os que mais explicaram as associações entre violência conjugal e depressão.

Na mesma direção, o estudo de Khosravi et al., (2011) realizado no Irã, se propôs a compreender os EIDs em mulheres com relacionamentos violentos. Os resultados mostraram que as experiências de abuso nas relações primárias estiveram associadas aos casos de violência conjugal, sendo que a maioria das mulheres tinha sofrido algum tipo de abuso na infância. Além disso, os pesquisadores apontaram que os esquemas mais comuns identificados nessas mulheres foram: privação emocional, desconfiança/abuso e defectividade/vergonha, todos do primeiro domínio.

A revisão da literatura revela que os EIDs do primeiro domínio são os mais associados à manutenção de relacionamentos violentos. Especialmente o esquema de desconfiança/abuso vem demonstrando evidente importância para o entendimento de comportamentos violentos nos relacionamentos íntimos. Estudos realizados em diferentes países como Brasil, Espanha, Estados Unidos e Irã mostraram-se unânimes quanto à presença desse esquema na violência conjugal (Calvete et al., 2007; Khosravi et al., 2011; Messman-Moore & Coates, 2007; Paim et al., 2012). A crença de que os outros são pouco confiáveis e que lhes farão mal intencionalmente é ativada e mantida nos relacionamentos. Os comportamentos agressivos e abusivos por parte dos indivíduos, bem como a vitimização de abuso nos relacionamentos, podem ser estratégias de manutenção desse esquema (McGinn & Young, 2012).

No estudo de Paim et al. (2012), realizado na região metropolitana de Porto Alegre/RS, o esquema de desconfiança/abuso foi associado tanto à perpetração quanto à vitimização da violência conjugal e as autoras entendem a violência conjugal como estratégia desadaptativa do esquema para lidar com a ativação emocional esquemática. Desse modo, os resultados remetem a compreensão da violência conjugal como um fenômeno em que as posições de vítima e agressor não são necessariamente estáticas, sendo que o mesmo indivíduo pode assumir as duas posições.

A bidirecionalidade da violência conjugal vem sendo defendida por muitos autores (Bates et al., 2013; Bernards & Graham, 2013; Falcke, Oliveira, Rosa & Bentancur, 2009; Oliveira & Souza, 2006; Strauss, 2008). Strauss (2008), em uma importante pesquisa sobre violência conjugal física com 13.601 universitários de 32 países, obteve resultados que também vão contra a crença de que a violência física nos relacionamentos íntimos é inteiramente cometida somente por um agressor, pois a violência conjugal física

bidirecional (cometida por ambos) foi a mais prevalente. Na mesma pesquisa, o autor ainda questiona a dominação masculina como etiologia da violência nos relacionamentos íntimos. Os resultados mostraram que o domínio, tanto masculino quanto feminino, foi associado com um aumento da violência, não havendo diferença entre os sexos.

Mesmo que alguns estudos reforcem a perspectiva de que a violência conjugal vai além de uma questão de gênero, apontando a existência de uma dinâmica conjugal violenta, a violência sofrida pelos homens ainda é pouco estudada (Falcke et al., 2009). Dessa forma, utilizando como referencial teórico a Terapia do Esquema de Jeffrey Young, o presente estudo se propõe a avaliar o poder preditivo das experiências na família de origem e dos Esquemas Iniciais Desadaptativos do primeiro domínio esquemático na violência conjugal, considerando tanto a violência sofrida quanto cometida por homens e mulheres. Acredita-se que os resultados auxiliem na compreensão sobre a dinâmica conjugal violenta.

Método

Trata-se de uma investigação quantitativa, com delineamento explicativo.

Participantes

Participaram do estudo 362 sujeitos, sendo 181 do sexo masculino e 181 do sexo feminino, selecionados pelo critério de conveniência no formato “bola de neve”. Todos os participantes eram heterossexuais, residiam na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul e eram casados oficialmente ou viviam em união estável por no mínimo seis meses.

A idade dos sujeitos variou entre 19 e 81 anos, com média de 41,17 anos (DP= 12,75). A maioria tinha ensino superior completo (45,9%), exercia alguma atividade remunerada (81,5%) e nunca tinha sido casado anteriormente (78,5%).

Instrumentos

Questionário de Dados Sociodemográficos: questionário fechado, composto por 23 questões, com o objetivo de fazer o levantamento dos dados sóciobiodemográficos do sujeito. Idade, nível de escolaridade, ocupação, renda e tempo de relacionamento atual, são alguns itens que compõem o questionário.

Subescalas do Family Background Questionnaire (FBQ): O FBQ (Melchert, 1998) é um questionário fechado que contém 179 itens para serem respondidos em escala Likert de cinco pontos, objetivando obter um valor global da funcionalidade da família de origem. Possui 15 subescalas que abrangem diversas variáveis que têm sido identificadas como potencialmente importantes no desenvolvimento infantil. A aplicação é dirigida a adultos e são avaliadas as recordações que os sujeitos têm sobre as experiências que vivenciaram nas suas famílias de origem até os 18 anos. Para esse estudo, foram utilizadas as subescalas: negligência física, abuso físico paterno, abuso físico materno, abuso sexual, abuso de substâncias paterno, abuso de substância materno, ajustamento psicológico paterno, ajustamento psicológico materno, aliança parental, estilo de tomada de decisão paterno e estilo de decisão materno. Foi traduzido e adaptado para o português por Falcke (2003), demonstrando boa validade de constructo e consistência interna. No presente estudo, o coeficiente Alfa de Cronbach obtido para cada subescala foi: 0,864 para abuso físico paterno, 0,799 para abuso físico materno, 0,295 para abuso sexual, 0,776 para negligência física, 0,876 para estilo de decisão paterno, 0,876 para estilo de decisão materno, 0,937 para abuso de substância paterno, 0,877 para abuso de substância materno, 0,783 para ajustamento psicológico paterno, 0,706 para ajustamento psicológico materno, 0,865 para aliança parental. Os índices representam boa confiabilidade das subescalas, com exceção

da subescala abuso sexual, o que pode ser explicado pelo fato de conter perguntas que abrangem o abuso por diferentes membros da família e outras pessoas. Sendo assim, por ser esperado que o abuso sexual ocorra por abusadores específicos, um índice baixo de confiabilidade interna torna-se compreensível. É importante ressaltar que embora alguns nomes das dimensões indiquem a variável negativa, a escala é pontuada na direção de funcionalidade da família de origem, ou seja, quando mais altos forem os escores, menor a ocorrência dessas variáveis.

A seguir, uma breve descrição das subescalas utilizadas: Abuso Sexual é a percepção de qualquer contato sexual do pai, mãe, irmãos, outros familiares ou outras pessoas; Negligência Física é a falta de cuidados físicos (alimentação, vestuário, condições de higiene e etc.); Abusivo Físico refere-se às lembranças de agressões físicas dos pais contra a criança; Estilo de Tomada de Decisão é a coerência de atitudes dos pais para com os seus filhos a partir dos quais se cria o ambiente emocional de segurança, confiança e estabilidade. Também contempla a capacidade de escuta e compreensão; Ajustamento Psicológico refere-se à saúde mental dos pais; Abuso de Substâncias diz respeito às lembranças quanto ao consumo de álcool e outras drogas dos pais e as conseqüentes alterações comportamentais. Aliança Parental é o grau de acordo entre o pai e a mãe em relação às regras ou instruções aos filhos, além disso, também considera a capacidade de resolução de conflito do casal.

Young Schema Questionnaire (YSQ-S3): O YSQ – S3 (Young, 2003) na versão reduzida, composta de 90 itens, avalia 18 Esquemas Iniciais Desadaptativos que são mapeados por meio do somatório dos resultados de cada grupo de cinco questões. Os esquemas são categorizados em cinco grandes domínios. Essa categorização surgiu a partir da experiência clínica do autor, sendo refinada em estudos empíricos posteriores. Em sua maioria, os achados vinculados ao Questionário de Esquemas de Young demonstram

resultados favoráveis quanto à consistência interna da escala e no que tange à sensibilidade discriminativa, considerando-se as diferenças entre grupos clínicos e não clínicos (Cazassa & Oliveira, 2008). A versão utilizada nesse estudo foi traduzida e adaptada para o português por Rijo e Gouveia (1999). Para o presente estudo, foram utilizados apenas os esquemas do primeiro domínio Desconexão e Rejeição, são eles: abandono, privação emocional, desconfiança/abuso, isolamento social e defectividade/vergonha. O coeficiente Alfa de Cronbach obtido para o Inventário dos Esquemas de Jeffrey Young foi de 0,962, indicando excelente confiabilidade. Quando considerados os coeficientes específicos das dimensões utilizadas, foram obtidos os seguintes índices de confiabilidade interna: 0,779 para abandono, 0,790 para privação emocional, 0,752 para desconfiança/abuso, 0,789 para isolamento social e 0,800 para defectividade/vergonha.

Foram utilizadas apenas as dimensões do instrumento correspondentes aos esquemas do domínio Desconexão e Rejeição, já que tais esquemas estão sendo os mais associados a comportamentos violentos nas relações interpessoais em estudos prévios (Paim et al., 2012; Khosravi et al., 2011; Crawford & Wright, 2007). A seguir uma breve descrição dos esquemas que compõe o domínio de Desconexão e Rejeição: Privação emocional contempla crenças de desamparo emocional, incluindo expectativa negativa quanto à satisfação das necessidades de apoio emocional pelo parceiro(a); Abandono é caracterizado por insegurança quanto à estabilidade das relações e constante expectativa de abandono; Desconfiança/abuso corresponde a crenças de que as relações são perigosas e abusivas, incluindo expectativas constantes de ser enganado, traído ou machucado pelo parceiro(a). Isolamento social é caracterizado pela sensação de não pertencimento a um grupo, comunidade ou relacionamento amoroso, com crenças de ser diferente das outras pessoas. Defectividade/vergonha inclui crenças de ser defeituoso, indesejado, inferior e,

por isso, não merecedor do amor e valorização do parceiro(a), além disso, há uma hipersensibilidade à crítica, insegurança, bem como vergonha e postura autoacusatória.

Revised Conflict Tactics Scales - CTS2: A CTS2 foi concebida por Strauss, Hamby, Boney-McCoy e Sugarman (1996), e contém, no total, 78 itens que descrevem possíveis ações do respondente e, reciprocamente, de seu/sua companheiro/a. O instrumento é composto por cinco escalas que representam as seguintes dimensões: 1) violência física; 2) agressão psicológica; 3) coerção sexual; 4) lesão corporal; 5) negociação. Neste estudo, utilizou-se somente a subescala de violência física que é dividida em violência física grave e menor. Foi adaptada ao português por Moraes, Hasselmann e Reichenheim (2002). O coeficiente Alfa de Cronbach obtido para a dimensão violência física foi de 0,832, indicando boa confiabilidade.

Sendo assim, a violência considerada para o presente estudo foi definida a partir da pontuação dos critérios do instrumento CTS2 descritos por Strauss (2008) para violência física global. Para este conceito, o autor utiliza tanto as agressões consideradas como agressão menor (empurrar, agarrar, dar tapa, jogar objeto, torcer o braço e puxar o cabelo), quanto às agressões definidas por ele como agressão grave (dar soco, bater, chutar, jogar contra a parede, queimar ou escaldar, usar uma faca ou arma de fogo). É importante ressaltar que foram consideradas as percepções do sujeito quanto aos seus comportamentos violentos contra o parceiro (violência cometida) e também sua percepção sobre a violência cometida pelo companheiro (violência sofrida).

Procedimento para Coleta de Dados

Os questionários foram respondidos na residência dos sujeitos ou em local que eles indicaram como mais adequado. Mesmo que os instrumentos tenham sido autoaplicáveis, um integrante da equipe de pesquisa esteve presente durante a aplicação para esclarecimento de possíveis dúvidas.

O projeto maior, intitulado “Variáveis Predictoras da Violência Conjugal: Experiências na família de origem, características pessoais e correlacionais”, no qual o presente estudo se insere foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Unisinos e aprovado sob o parecer número 11/129. A pesquisa seguiu as recomendações éticas para a realização de estudos com seres humanos, de acordo com as orientações das Resoluções 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde e 026/2000 do Conselho Federal de Psicologia.

Procedimento de Análise dos Dados

Os dados foram analisados através do programa *Statistical Package for Social Science* (SPSS), versão 20.0. Foram realizadas análises descritivas (média, desvio padrão e porcentagens) para a caracterização da amostra. Além disso, foi realizada análise de regressão múltipla (método stepwise) para avaliar quais as experiências de família de origem e os EIDs do domínio Desconexão e Rejeição que poderiam ser considerados como preditores de violência física conjugal cometida contra o parceiro íntimo e sofrida pelo parceiro íntimo. As variáveis dependentes (violência física cometida e violência física sofrida) e as variáveis independentes (experiências na família de origem e EIDs domínio Desconexão e Rejeição) foram analisadas separadamente para homens e mulheres.

Resultados

A violência física global cometida, considerando a própria avaliação, foi identificada em 23,6% nas mulheres e 27,3% nos homens. Quando considerada a violência física global sofrida, também considerando a avaliação do sujeito, os índices foram de 21,4% nas mulheres e 26,2% nos homens.

A análise de regressão múltipla (método Stepwise) avaliou quais as experiências na família de origem e os EIDs foram preditores de violência cometida e sofrida por homens e mulheres. Os escores da escala FBQ (experiências na família de origem) indicam

funcionalidade familiar, portanto, mesmo que alguns nomes das dimensões indiquem uma dimensão negativa, quando mais altos forem os escores, menos existe a presença dessa variável.

Considerando os dados da amostra feminina, o esquema de defectividade/vergonha mostrou-se preditor de violência física cometida pelas mulheres e a experiência de maior ajustamento psicológico materno foi identificada como variável protetora de violência física cometida pelas mulheres (Tabela 1). Tal procedimento forneceu um coeficiente de variância explicada (R^2) de 0,203, o que determina que essas variáveis explicam 20,3% da violência física cometida pelas mulheres.

Tabela 1 – Experiências na família de origem e os EIDs preditores de violência física global cometida contra o parceiro entre as mulheres – Modelo final

Variáveis do modelo	Coeficientes não Padronizados		Coeficientes padronizados		
	B	Modelo Padrão	Beta	T	Sig
Esquema de Defectividade/Vergonha	0,377	0,115	0,365	3,277	0,002
Ajustamento Psicológico Materno	-0,097	0,046	-0,232	-2,087	0,041

R= 0,451 R²= 0,203 R² ajustado = 0,179

No caso da amostra masculina, os esquemas de defectividade/vergonha e desconfiança/abuso foram as variáveis preditoras da violência física cometida pelos homens (Tabela 2), obtendo um coeficiente de variância explicada (R^2) de 0,335, explicando 33,5% da violência física cometida por eles.

Tabela 2 – Experiências na família de origem e os EIDs preditores de violência física global cometida contra o parceiro entre os homens – Modelo final

Variáveis do modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes Padronizados		
	B	Modelo Padrão	Beta	T	Sig
Esquema de Defectividade/Vergonha	0,165	0,065	0,351	2,544	0,014
Esquema de Desconfiança/Abuso	0,107	0,052	0,286	-2,069	0,043

R= 0,578 R²= 0,335 R² ajustado = 0,312

Os esquemas de defectividade/vergonha das mulheres ($\beta= 0,365$ e $p= 0,002$) e dos homens ($\beta= 0,351$ e $p= 0,014$), bem como o esquema desconfiança/abuso dos homens ($\beta= 0,286$ e $p= 0,043$), podem ser considerados variáveis preditoras de violência física cometida contra o parceiro íntimo. Os sujeitos que possuíam esses esquemas obtiveram maiores índices de violência física global cometida na relação conjugal. A experiência de maior ajustamento psicológico materno das mulheres ($\beta= -0,232$ e $p= 0,041$) foi a única variável protetiva de comportamentos violentos contra o parceiro na relação conjugal.

Considerando a violência física global sofrida no relacionamento íntimo, o esquema de desconfiança/abuso mostrou-se ser preditor de violência física sofrida entre as mulheres e a experiência de melhor estilo de decisão materno foi identificada como variável protetora de violência física sofrida entre as mulheres (Tabela 3). Esse modelo forneceu um coeficiente de variância explicada (R^2) de 0,188, o que determina que essas variáveis explicam 18,8% da violência física sofrida pelas mulheres.

Tabela 3 – Experiências na família de origem e os EIDs preditores de violência física global sofrida no relacionamento conjugal entre as mulheres – Modelo final

Variáveis do modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
	B	Modelo Padrão	Beta	T	Sig
Esquema de Desconfiança/Abuso	0,172	0,063	0,311	2,739	0,008
Estilo de Tomada de Decisão Materno	-0,061	0,027	-0,251	-2,212	0,031
R= 0,433 R²= 0,188 R² ajustado = 0,163					

Os esquemas de defectividade/vergonha e desconfiança/abuso foram as variáveis preditoras da violência física sofrida pelos homens na relação conjugal (Tabela 4), obtendo um coeficiente de variância explicada (R^2) de 0,364, explicando 36,4% da violência física sofrida por eles.

Tabela 4 – Experiências na família de origem e os EIDs preditores de violência física global sofrida no relacionamento conjugal contra entre os homens – Modelo final

Variáveis do modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
	B	Modelo Padrão	Beta	T	Sig
Esquema de Defectividade/Vergonha	0,187	0,080	0,322	2,330	0,023
Esquema de Desconfiança/Abuso	0,160	0,065	0,243	2,477	0,016
R= 0,604 R²= 0,364 R² ajustado = 0,342					

Os esquemas de desconfiança/abuso das mulheres ($\beta = 0,311$ e $p = 0,008$) e dos homens ($\beta = 0,343$ e $p = 0,016$), bem como o esquema defectividade/vergonha dos homens ($\beta = 0,322$ e $p = 0,023$), podem ser considerados variáveis preditoras de violência física sofrida na relação conjugal. Os sujeitos que possuíam esses esquemas revelaram sofrer mais violência física na relação com o cônjuge. Um estilo de tomada de decisão materno mais funcional ($\beta = -0,251$ e $p = 0,031$) foi a única variável protetiva em relação a violência sofrida na relação conjugal, no caso das mulheres.

Discussão dos Resultados

Na amostra estudada, não houve diferença significativa entre os índices de violência sofrida e cometida entre homens e mulheres, o que reforça a perspectiva de que entender a violência conjugal apenas como uma questão de gênero é limitada. Quando considerada a violência física global no relacionamento atual cometida contra o cônjuge, foram encontrados índices de 23,6% nas mulheres e 27,3% nos homens. Quando considerada a violência física global sofrida, os índices foram de 21,4% entre as mulheres e 26,2% entre os homens. Tais achados estão na mesma direção de estudos que contrariam a visão de que o homem é sempre agressor e a mulher a vítima (Bates et al., 2013; Bernards & Graham, 2013; Falcke et al., 2009; Oliveira & Souza, 2006), já que um alto índice de mulheres admitiu cometer violência física contra seus parceiros e mais homens do que mulheres percebiam sofrer violência no relacionamento.

Os níveis de variância explicada em relação à violência conjugal sofrida e cometida em homens e mulheres expressam que os EIDs são variáveis com importante poder explicativo do fenômeno. Dois esquemas do domínio de Desconexão e Rejeição foram identificados como preditores de violência física na relação conjugal (desconfiança/abuso e defectividade/vergonha), explicando a perpetração da violência e a vitimização.

Os resultados apontam o esquema de desconfiança/abuso como preditor de vitimização de violência física no relacionamento conjugal tanto em homens quanto em mulheres. Sendo assim, indivíduos que desenvolveram o esquema desconfiança/abuso são mais propensos a sofrerem agressões físicas de seus parceiros. Com isso, é possível entender que o EID explica a manutenção de vivências abusivas nos relacionamentos atuais, confirmando pesquisas anteriores que também identificaram esse esquema como variável fundamental para a compreensão da vitimização de violência conjugal (Crawford & Wright, 2007; Khosravi et al., 2011; Paim et al., 2012).

Conforme Young (1990), os indivíduos tendem a perpetuar seus esquemas, ou seja, pensam e agem de forma a mantê-los em funcionamento. Os mecanismos básicos de perpetuação dos esquemas, propostos pelo autor, podem explicar a associação entre o esquema de desconfiança/abuso e a vitimização de violência física nos relacionamentos íntimos. Sendo assim, o estabelecimento de um padrão de relacionamento no qual o indivíduo se torna vítima de violência física pode estar relacionado a uma estratégia de enfrentamento de resignação ao esquema. Desta forma, as crenças do esquema desencadeiam um padrão emocional e comportamental, de forma a reviver as experiências de infância responsáveis pela sua formação. Young et al. (2003) ressaltam que as pessoas com esquema de desconfiança/abuso tendem a escolher parceiros agressivos que lhe tratem como o pai ou mãe abusivos. Além disso, ao utilizarem essa estratégia de enfrentamento, se relacionam de forma passiva e complacente, perpetuando a crença de que os outros são pouco confiáveis e que lhes farão mal.

O esquema desconfiança/abuso também foi identificado como preditor da violência física cometida pelos homens no relacionamento conjugal. Alguns estudos prévios também indicam tal esquema como sendo variável associada a comportamentos

agressivos nas relações amorosas (Calvete et al., 2007; Paim et al., 2012). A sensação de insegurança, bem como a crença de que os outros são pouco confiáveis, perigosos e abusivos, pode gerar estratégias de enfrentamento defensivas nos relacionamentos (McGinn & Young, 2012). Segundo Young (1990), uma das estratégias de enfrentamento é a hipercompensação do esquema, ou seja, passam a abusar como forma de se sentirem protegidos e menos vulneráveis a vivências abusivas. É uma tentativa primitiva infantil utilizada pela criança para aliviar e enfrentar a dor de maus tratos precoces, entretanto, torna-se extremada e disfuncional na idade adulta, servindo como manutenção do esquema. Assim, as agressões contra o cônjuge podem ser consideradas como parte de processos do esquema, já que no seu desenvolvimento normalmente existem vivências traumáticas que tendem a se repetir na vida adulta em relacionamentos autodestrutivos (Young & Behary, 1998).

A ausência do esquema de desconfiança/abuso entre as variáveis preditoras da perpetração da violência física pelas mulheres sugere que entre as mesmas, esse esquema seja vivenciado e mantido com estratégia de resignação e não com estratégia de hipercompensação. No estudo de Khosravi et al., (2011) com mulheres vítimas de violência pelo parceiro íntimo no Irã, os autores também encontraram o esquema de desconfiança/abuso entre as entrevistadas. Na mesma direção, o estudo de Calvete et al. (2007), também com mulheres vítimas de violência conjugal, encontrou esquemas do primeiro domínio esquemático como variáveis explicativas, entre eles o esquema de desconfiança/abuso. Considerando os achados do presente estudo, é possível entender que a estratégia hipercompensatória do esquema de desconfiança/abuso seja mais utilizada pelos homens do que pelas mulheres, sendo que estas parecem vivenciar mais a estratégia de resignação, assumindo o papel de vítima.

Os resultados também evidenciaram que o esquema de defectividade/vergonha explicou a violência física cometida contra o parceiro íntimo entre os homens e as mulheres. Tal esquema envolve crenças de indesejabilidade, inferioridade e desvalia, gerando nos indivíduos a sensação de que não são dignos de amor e que, por isso, serão rejeitados, criticados e excluídos (McGinn & Young, 2012). A hipersensibilidade a crítica e o medo intenso da rejeição pode explicar a reação agressiva contra o parceiro íntimo. Sendo assim, a constante sensação de perigo desencadeia uma série de estratégias de enfrentamento defensivas, entre elas a violência. É possível compreender a violência contra o parceiro íntimo como uma inabilidade de lidar com ativações emocionais oriundas do esquema de defectividade/vergonha o que também é sugerido em outros estudos (Messman-Moore & Coates, 2007, Paim et al., 2012).

Em relação à percepção de violência física sofrida na relação conjugal, o esquema de defectividade/vergonha apenas foi preditivo nos homens. Quando ativado o esquema de defectividade vergonha nas mulheres elas parecem ser mais agressoras do que vítimas. Resultados de estudos prévios associam a vitimização da violência a esse esquema em mulheres (Calvete et al., 2007; Khosravi et al., 2011), entretanto, tais estudos não consideraram a violência cometida pelas mulheres. Sendo assim, é possível confirmar que é um esquema presente nas mulheres em relações violentas e que a dinâmica da violência conjugal faz com que haja uma complementariedade do papel de vítima e agressor. Os homens com esquema de defectividade/vergonha, além de praticarem violência física contra a esposa, também se mantêm em vivências nas quais se percebem como vítimas de violência física na relação conjugal. A estratégia de resignação do esquema de defectividade/vergonha é escolher parceiros críticos, rejeitadores, que lhe façam sentir diminuídos (Young et al., 2003), o que pode explicar a escolha de parceiros abusivos e a manutenção de relacionamentos disfuncionais. A visão de si mesmo como indignos de amor e valorização pode ocasionar a

aceitação de uma postura passiva diante do abuso físico. Além disso, o medo intenso de sentir-se rejeitado e criticado pode dificultar o rompimento do ciclo da violência. Enxergar a violência feminina como mais aceitável e sentir-se envergonhado frente a essa situação também pode justificar manutenção de um padrão de vitimização em homens com esquema de defectividade/vergonha.

A interação esquemática nos relacionamentos pode explicar a dinâmica conjugal violenta (Yoosefi et al., 2010), sendo que padrões autoperpetuados de respostas destrutivas, frente à ativação esquemática, também ativam os EIDs do parceiro, com respostas cognitivas, emocionais e comportamentais igualmente destrutivos, estabelecendo a interação desadaptativa entre o casal. É importante ressaltar que os esquemas dos homens foram os mesmos, tanto na vitimização quanto na perpetração da violência, reforçando a perspectiva de autores que entendem a violência física nos relacionamentos como uma dinâmica bidirecional (Bates et al., 2013; Bernards & Graham, 2013; Falcke et al., 2009; Oliveira & Souza, 2006; Strauss, 2008). Tais autores contrariam a ideia de que sempre há um agressor e uma vítima, sugerindo uma troca de posições que acaba por manter um ciclo da violência. Sendo assim, é possível pensar que são as estratégias de enfrentamento que definem a posição de vítima ou agressor, sendo que o mesmo sujeito pode fazer uso dos três tipos de estratégias (resignação, hipercompensação ou evitação) (Young et al., 2003).

Mesmo que tenham sido diferentes os esquemas das mulheres que sofrem violência das que cometem, estes não foram diferentes dos esquemas dos homens em situação de violência. Com isso, torna-se necessária uma perspectiva que vá além da questão de gênero e busque compreender a dinâmica conjugal violenta, perspectiva já defendida por alguns autores (Falcke et al., 2009; Oliveira & Souza, 2006; Strauss, 2008). Young (1990) destaca

que a escolha do parceiro e a forma de interação com o mesmo é mediada pelos EIDs. Os resultados do presente estudo demonstram que a dinâmica conjugal violenta está a serviço da manutenção de esquemas de personalidade do primeiro domínio, especificamente os esquemas de desconfiança/abuso e defectividade/vergonha. Sendo assim, a violência conjugal faz parte do processo de manutenção esquemática e o estabelecimento de uma relação abusiva e instável repete a vivência de um padrão já conhecido nas relações primárias.

A maior funcionalidade familiar em termos de ajustamento psicológico materno mostrou-se protetiva no que se refere a comportamentos violentos contra o cônjuge entre as mulheres. Esse resultado vai ao encontro de perspectivas que apontam as vivências de relacionamentos instáveis na infância como ameaça a segurança das relações de apego ao longo da vida (Cecero & Young, 2001; Platts, Mason & Tyson, 2005; Young et al., 2003). A estabilidade emocional do principal cuidador é destacada como variável fundamental para suprir a primeira necessidade do desenvolvimento emocional da criança, que é o vínculo seguro (Young et al., 2003).

A maior funcionalidade do estilo de decisão materno como variável protetora da vitimização de violência física no relacionamento íntimo reforça a importância da funcionalidade da mãe, sendo esta geralmente o principal cuidador, para que as mulheres consigam estabelecer relacionamentos íntimos não violentos. O estilo de decisão corresponde à coerência de atitudes para com os seus filhos a partir dos quais se cria o ambiente emocional de segurança, confiança e estabilidade. Essa dimensão também inclui a capacidade de escuta, compreensão e validação das necessidades emocionais da criança. Sendo assim, ter confiança, segurança em relação às atitudes da mãe, bem como ser

validado em suas necessidades faz com as mulheres consigam buscar relações nas quais não sofram violência física.

A importância da estabilidade do principal cuidador como variável protetora de relacionamentos violentos, também pode ser explicada pela importância de um modelo de funcionamento estável que consiga se relacionar de forma saudável. Young et al. (2003) afirmam que a observação de modelos pela criança também é um importante componente na estruturação dos esquemas de personalidade. A partir dos achados do presente estudo é possível levantar a hipótese de que as mulheres tendem a ser mais beneficiadas pela estabilidade materna, no que diz respeito à violência física conjugal.

Nos resultados obtidos nessa amostra, o abuso físico na infância não obteve poder preditivo para relações conjugais violentas na vida adulta, o que vai de encontro com autores que sugerem que crianças que sofrem abuso físico na infância repetem relações violentas na vida adulta (Fang & Corso, 2008; Fergusson, Boden & Horwood, 2006; Fang & Corso, 2007; Godbout et al., 2009; Kerley, Xu, Sirisunyaluck & Alley, 2010; Milner et al., 2010; Pournaghash-Tehrani & Feizabadi, 2009; Wang, Horne, Holdford & Henning, 2008; Wareham, Boots & Chavez, 2009; Weisbart et al., 2008). Sendo assim, é possível entender que outras variáveis possam interferir nessa relação causa-efeito, entre elas os esquemas de desconfiança/abuso e defectividade, o que também é sugerido por outros autores (Calvete, et al., 2007; Messman-Moore & Coates, 2007; Wright, Crawford & Del Castillo, 2009). Um ambiente com abuso físico na infância também demonstra ter uma grande influência sobre a formação dos esquemas de personalidade, o que é confirmado em outras pesquisas (Cecero & Young, 2001; McCarthy & Lumley, 2012; Platts, Mason & Tyson, 2005). No entanto, é importante ressaltar que o temperamento da criança, traumatização por estressores situacionais e outras relações significativas (familiares,

professores, amigos, entre outras) também podem influenciar na formação dos EIDs, bem como protegê-las da consolidação do mesmo (Young et al, 2003). Com isso, esses resultados sugerem que crescer em um ambiente abusivo e instável não pode ser considerado como determinante para a vitimização de violência física no relacionamento conjugal. Todavia, esses ambientes podem favorecer o desenvolvimento de EIDs que propiciam com que os indivíduos tenham mais chances de manterem relações nas quais sofram agressões físicas por parte do companheiro.

Considerações Finais

O presente estudo corrobora os estudos que contrariam a ideia de papéis estáticos de agressores e vítimas, já que não houve diferença significativa entre os índices de violência sofrida e cometida por homens e mulheres. Desta forma, na amostra estudada, é possível confirmar a perspectiva de autores que entendem a violência física nos relacionamentos como uma dinâmica bidirecional, com uma troca de posições que acaba por manter o ciclo da violência.

Com base nos resultados obtidos, foram identificados EIDs preditores de violência física conjugal. O importante poder explicativo das variáveis vai ao encontro da teoria de Young (1990) que propõe que a interação esquemática nos relacionamentos pode explicar a dinâmica conjugal violenta, sendo que a busca pela manutenção dos esquemas pode estabelecer a interação desadaptativa entre o casal.

Os esquemas de desconfiança/abuso e defectividade/vergonha foram preditivos tanto considerando a vitimização quanto a perpetração da violência física conjugal entre os homens. Sendo assim, é possível pensar que são as estratégias de enfrentamento que definem a posição de vítima ou agressor. Além disso, mesmo que tenham sido diferentes

os esquemas das mulheres que sofrem violência das que cometem, estes não foram diferentes dos esquemas dos homens em situação de violência. Com isso, também é possível considerar que a dinâmica conjugal violenta esteja a serviço da manutenção de esquemas de personalidade do primeiro domínio, especificamente os esquemas de desconfiança/abuso e defectividade/vergonha.

A partir da Teoria de Young (1990), as estratégias de enfrentamento, utilizadas no processo esquemático, embasam a explicação sobre os comportamentos mantenedores da dinâmica conjugal violenta. A busca pela confirmação do esquema faz com o indivíduo repita vivências infantis, utilizando estratégias desadaptativas de resignação e hipercompensação. Assim, uma espécie de ciclo esquemático de ativações de respostas emocionais, cognitivas e comportamentais infantis estabelece uma interação destrutiva entre o casal.

A ausência das variáveis de abuso físico sofrido na infância como preditoras da relação conjugal violenta na vida adulta sugere que o desenvolvimento dos esquemas de desconfiança/abuso e defectividade/vergonha faz com que os indivíduos tenham mais chances de manterem relações nas quais vivenciem agressões físicas, ampliando a compreensão de estudos que apontam a correlação direta do abuso físico nas relações primárias com a violência física no relacionamento íntimo. Por outro lado, as experiências de estabilidade emocional materna mostraram-se protetoras de futuras relações abusivas na vida adulta, evidenciando que outras variáveis nas relações primárias devem ser consideradas para a compreensão da violência conjugal física.

É importante ressaltar que o presente estudo não considerou outros tipos de violência conjugal (psicológica e sexual), sendo que estes poderiam complementar a compreensão da dinâmica conjugal violenta. Além disso, também não foram consideradas

as relações primárias com outros cuidadores, que podem ter um papel interveniente nos resultados.

Por fim, os resultados do presente estudo possibilitam a elaboração de propostas de intervenções psicoterápicas com indivíduos em situação de violência conjugal que visem à reestruturação cognitiva, especialmente focadas no enfraquecimento dos esquemas de desconfiança/abuso e defectividade/vergonha. Além disso, sugere-se que futuros estudos sejam realizados sobre a eficácia da Terapia do Esquema em contexto de violência conjugal, tanto em atendimentos individuais quanto de casais.

Referências

- Anderson, K., & Bang, E. J. (2012). Assessing PTSSD and resilience for females who during childhood were exposed to domestic violence. *Child and Family Social Work*, 17(1), 55-65. DOI: 10.1111/j.1365- 2206.2011.00772.x
- Bates, E. A., Graham-Kevan N., & Archer J. (2013). Testing predictions from the male control theory of men's partner violence. *Aggression and Violent Behavior*, 22 (6). doi: 10.1002/ab.21499
- Bernards S., & Graham K. (2013). The cross-cultural association between marital status and physical aggression between intimate partners. *Journal of Family Violence*. 1:28 (4), 403-418. doi: 10.1007/s10896-013-9505-1
- Boyle, D. J., O'Leary, K. D., Rosenbaum, A., & Hassett-Walker, C. (2008). Differentiating between generally and partner-only violent subgroups: Lifetime antisocial behavior, family of origin violence, and impulsivity. *Journal of Family Violence*, 23(1), 47-55. doi: 10.1007/s10896-007-9133-8
- Caballo, V. E. (2007). Manual para o tratamento cognitivo-comportamental dos transtornos psicológicos da atualidade. São Paulo: Santos.
- Calvete, E., Estévez, A., & Corral, S. (2007). Intimate partner violence and depressive symptoms in women: Cognitive schemas as moderators and mediators. *Behavior Research and Therapy*, 45(4), 791-804. doi: 10.1016/j.brat.2006.07.006

- Cazassa, M., & Oliveira, M. (2008). Terapia focada em esquemas: Conceituação e pesquisas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 35(5), 187-195. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832008000500003>
- Cecero, J. J., & Young, J. E. (2001). Case of Silvia: A schema-focused approach. *Journal of Psychotherapy Integration*, 11(2), 217-229. doi: 10.1023/A:1016657508247
- Crawford, E., & Wright, M. O. (2007). The impact of childhood psychological maltreatment on interpersonal schemas and subsequent experiences of relationship aggression. *Journal of Emotional Abuse*, 7(2), 93-116. doi: 10.1300/J135v07n02_06
- Cohen, L. J., Tanis, T., Bhattacharjee, R., Nesci, C., Halmi, W., & Galynker, I. (2013). Are there differential relationships between different types of childhood maltreatment and different types of adult personality pathology?. *Psychiatry research*, 201(3):234-43. doi: 10.1016/j.psychres.2013.10.036
- Delsol, C., & Margolin, G. (2004). The role of family-of-origin violence in men's marital violence perpetration. *Clinical Psychology Review*, 24(1), 99-122. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1016/j.cpr.2003.12.001>
- Falcke, D. (2003). *Águas passadas não movem moinhos? As experiências na família de origem como predictoras da qualidade do relacionamento conjugal*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Falcke, D., Oliveira, D. Z., Rosa, L. W., & Bentancur, M. (2009). Violência conjugal: um fenômeno interacional. *Contextos Clínicos*, 2(2), 81-90. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000200002&lng=pt&tlng=pt
- Fang, X., & Corso, P. S. (2007). Child maltreatment, youth violence, and intimate partner violence. *American Journal of Preventive Medicine*, 33(4), 281-290. doi: 10.1016/j.amepre.2007.06.003
- Fang, X., & Corso, P. S. (2008). Gender differences in the connections between violence experienced as a child and perpetration of intimate partner violence in young adulthood. *Journal of Family Violence*, 23(5), 303-313. doi: 10.1007/s10896-008-9152-0
- Fergusson, D. M., Boden, J. M., & Horwood, L. J. (2006). Examining the intergenerational transmission of violence in a New Zealand birth cohort. *Child Abuse and Neglect*, 30(2), 89-108. doi: 10.1016/j.chiabu.2005.10.006
- Godbout, N., Dutton, D. G., Lussier, Y., & Sabourin, S. (2009). Early exposure to violence, domestic violence, attachment representations, and marital adjustment. *Personal Relationships*, 16(3), 365- 384. doi: 10.1111/j.1475-6811.2009.01228.x

- Grassi-Oliveira, R., Ashy, M., & Stein, L. M. (2008). Psychobiology of childhood maltreatment effects of allostatic load? *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 30 (1), 60-68. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v30n1/a12v30n1.pdf>
- Hengartner, M. P., Ajdacic-Gross, V., Rodgers, S. Müller, M., & Rössler, W. (2013). Childhood adversity in association with personality disorder dimensions: new findings in an old debate. *European Psychiatry*, 28(8), 476-482. doi: 10.1016/j.eurpsy.2013.04.004
- Kerley, K. R., Xu, X. H., Sirisunyaluck, B., & Alley, J. M. (2010). Exposure to family violence in childhood and intimate partner perpetration or victimization in adulthood: Exploring intergenerational transmission in urban Thailand. *Journal of Family Violence*, 25(3), 337-347. doi: 10.1007/s10896-009-9295-7
- Kernsmith, P. (2006). Gender differences in the impact of family of origin violence on perpetrators of domestic violence. *Journal of Family Violence*, 21(2), 163-171. doi: 10.1007/s10896-005-9014-y
- Khosravi, Z., Attari, A., & Rezaei, S. (2011). Intimate partner violence in relation to early maladaptive schemas in a group of outpatient Iranian women. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*. 30, 1374-1377. doi:10.1016/j.sbspro.2011.10.266
- Kolla, N.J., Malcolm, C., Attard, S., Arenovich, T., Backwood, N., & Hodgins, S. (2013). Childhood maltreatment and aggressive behavior in violent offenders with psychopathy. *Canadian Journal of Psychiatry*, 58(8):487-94. doi: 10.1016/j.jpsychires.2013.05.005
- Martins, C. M. S., Tofoli, S. M. de C., Baes, C. V.W., & Juruena, M. (2011). Analyses of the occurrence of early life stress in adult psychiatric patients: a systematic review. *Psychology & Neuroscience*, 4,2, 219-227. doi: 10.3922/j.psns.2011.2.007
- McCarthy, M, C., & Lumley, M. N. (2012). Sources of emotional maltreatment and the differential development of unconditional and conditional schemas. *Cognitive Behavior Therapy*, 41(4):288-97. doi: 10.1080/16506073.2012.676669.
- McGinn, L. K., & Young, J. E. (2012). Terapia Focada no Esquema. In Salkovskis, P. M. (Ed.), *Fronteiras da Terapia Cognitiva* (pp.179-200). São Paulo: Casa do Psicólogo
- Melchert, T. (1998). Testing the validity of an instrument for assessing family of origin history. *Journal of Clinical Psychology*, 54(7), 863-875. doi: 10.1002/(SICI)1097-4679(199811)
- Mello, M. F., Faria, A. A., Mello, A. F., Carpenter, L. L., Tyrka, A. R., & Price, L. H. (2009). Maus-tratos na infância e psicopatologia no adulto: caminhos para a disfunção do eixo hipotálamo-pituitária-adrenal. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 31(supl. II), 41-48. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v31s2/v31s2a02.pdf>

- Milner, J. S., Thomsen, C. J., Crouch, J. L., Rabenhorst, M. M., Martens, P. M., Dyslin, C. W., ... Merrill, L. L. (2010). Do trauma symptoms mediate the relationship between childhood physical abuse and adult child abuse risk? *Child Abuse and Neglect*, 34(5), 332-344. doi: 10.1016/j.chiabu.2009.09.017
- Messman-Moore, T. L., & Coates, A. A. (2007). The Impact of childhood psychological Abuse on adult Interpersonal conflict: the role of early maladaptive schemas and patterns of interpersonal behavior. *Journal of Emotional Abuse*. 7(2), 75-92. doi: [10.1300/J135v07n02_05](https://doi.org/10.1300/J135v07n02_05)
- Moraes, C. L, Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento “Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)” utilizado para identificar violência entre casais. *Cadernos de Saúde Pública*. 18(1), 163-176. Recuperado de [http:// dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2002000100017](http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2002000100017)
- Oliveira, D.C., & Souza, L. (2006). Gênero e violência conjugal concepções de psicólogos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 6 (2), 34-50. Recuperado de <http://www.revispsi.uerj.br/v6n2/artigos/pdf/v6n2a04.pdf>
- Paim, K., Madalena M., & Falcke, D. (2012). Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*. 8(1), 31-39. Recuperado de http://www.rbtc.org.br/detalhe_resumo.asp?id=155
- Platts, H., Mason, O., & Tyson, M. (2005). Early Maladaptive Schemas and Adult Attachment in a UK clinical population. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 78(4), 549-64. Recuperado de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16354444>
- Pournaghash-Tehrani, S., & Feizabadi, Z. (2009). Predictability of physical and psychological violence by early adverse childhood experiences. *Journal of Family Violence*. 24(6), 417-422. doi: 10.1007/s10896-009-9245-4
- Rijo, D., & Pinto Gouveia, J. (1999). A new instrument for the assessment of early maladaptive schemas. Poster presented to the Society for Psychotherapy Research 30th Annual Meeting, Braga.
- Sá, D. G. F., Bordin, I. S., Martin, D., & Paula, C. S. (2010). Fatores de risco para problemas de saúde mental na infância/adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(4), 643-652. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000400008>
- Stith, S. M., Rosen, K. H., Middleton, K. A., Busch, A. L., Lundeberg, K., & Carlton, R. P. (2000). The intergenerational transmission of spouse abuse: A meta-analysis. *Journal of Marriage & the Family*, 62, 640-654. doi: 10.1111/j.1741-3737.2000.00640.x

- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17(3), 283-316. DOI: 10.1177/019251396017003001
- Strauss M. A. (2008). Dominance and symmetry in partner violence by male and female university students in 32 nations. *Children and Youth Services Review* 30 (10) 252–275. doi: 10.1016/j.chilyouth.2007.10.004
- Tofoli, S. M. de C., Baes, C. V.W., Martins, C. M. S., & Juruena, M. (2011). Early life stress, HPA axis, and depression. *Psychology & Neuroscience*, 4(2), 229-234. doi: 10.3922/j.psns.2011.2.008
- Young, J. E. (1990). *Cognitive therapy for personality disorders: A schema-focused approach*. Sarasota, FL: Professional Resource Press.
- Young, J. E., & Behary, W. T. (1998). Schema-focused therapy for personality disorders. In N. Tarrier, A. Wells, & G. Haddock (Eds.), *Treating complex cases: The cognitive behavioural approach* (pp. 340-376). New York: John Wiley & Sons.
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2003). *Schema therapy: A practitioner's guide*. New York: Guilford Press.
- Wang, M., Horne, S. G., Holdford, R., & Henning, K.R. (2008). Family of origin violence predictors of IPV by two types of male offenders. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 17(2), 156-174. doi: 10.1080/10926770802355915
- Wareham, J., Boots, D. P., & Chavez, J. M. (2009). A test of social learning and intergenerational transmission among batterers. *Journal of Criminal Justice*, 37(2), 163-173. doi: 10.1016/j.jcrimjus.2009.02.011
- Weisbart, C. E., Thompson, R., Pelaez-Merrick, M., Kim, J., Wike, T., Briggs, E., ...Dubowitz, H. (2008). Child and adult victimization: Sequelae for female caregivers of high-risk children. *Child Maltreatment*, 13(3), 235-244. doi: 10.1177/1077559508318392
- Wright, M. O., Crawford, E., & Del Castillo, D. (2009). Childhood emotional maltreatment and later psychological distress among college students: the mediating role of maladaptive schemas. *Child Abuse & Neglect*, 33(1), 59-68. doi: 10.1016/j.chiabu.2008.12.007
- Wendy, B., & Young, J. (2011). *Terapia dos esquemas para casais: Curando parceiros na relação*. Material Didático utilizado na III Jornada WP, Porto Alegre.

Considerações Finais

Mesmo que muitos autores explorem o tema da violência conjugal, ainda existem poucos estudos que consideram aspectos da personalidade na dinâmica violenta entre casais. Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi investigar variáveis que explicassem o desenvolvimento e a manutenção dos relacionamentos violentos, especialmente os Esquemas Iniciais Desadaptativos.

Os resultados da dissertação revelaram que os Esquemas Iniciais Desadaptativos são variáveis importantes para a compreensão da violência física conjugal, já que foi possível descrever um perfil discriminante dos sujeitos que apresentam histórico de violência física na relação atual e dos que não apresentam, no qual os Esquemas Iniciais Desadaptativos foram as variáveis que mais caracterizaram os sujeitos com histórico de violência física contra o parceiro. Também foi possível identificar Esquemas Iniciais Desadaptativos preditores de violência física conjugal. O importante poder explicativo das variáveis vai ao encontro da teoria de Young (1990) que propõe que a interação esquemática nos relacionamentos pode explicar a dinâmica conjugal violenta. Nesta perspectiva, a busca pela manutenção dos esquemas pode estabelecer a interação desadaptativa entre o casal.

O presente estudo corrobora as investigações prévias que contrariam a ideia de papéis estáticos de agressores e vítimas, já que não houve diferença significativa entre os índices de violência sofrida e cometida por homens e mulheres. Desta forma, na amostra estudada, é possível confirmar a perspectiva de autores que entendem a violência física nos relacionamentos como uma dinâmica bidirecional, com uma troca de posições que acaba por manter o ciclo da violência.

Foi destacada a importância do primeiro domínio esquemático para explicar a violência física contra o parceiro íntimo, reforçando a perspectiva de que o comportamento violento nas relações conjugais podem ser estratégias de enfrentamento disfuncionais para lidar com crenças e ativações emocionais decorrentes do domínio de Desconexão e Rejeição. Com isso, a dificuldade de estabelecer vínculos seguros e a sensação de perigo iminente frente à relação conjugal podem desencadear as agressões físicas contra o parceiro.

A importância de experiências primárias de funcionalidade da família de origem para o desenvolvimento de adultos com relacionamentos menos violentos também foi destacada. As experiências de estabilidade emocional materna mostraram-se protetoras de futuras relações abusivas na vida adulta, evidenciando que outras variáveis nas relações primárias, além do abuso físico, devem ser estudadas para a compreensão da violência conjugal física.

Esse estudo visou contribuir para a elaboração de medidas preventivas e de proposta de intervenções psicoterápicas com indivíduos e casais em situação de violência conjugal com maior precisão. Os resultados apontaram para a importância de considerar as necessidades emocionais básicas da infância, reforçando a necessidade de trabalhos com as famílias. Além disso, torna-se fundamental um olhar complementar sobre os esquemas primários dos indivíduos violentos e violentados. Nesse sentido, propõe-se a inclusão de técnicas da terapia do esquema para complementar protocolos de intervenções com indivíduos e casais em situação de violência..

Referências

- Ansara, D. L., & Hindin, M. J. (2009). Perpetration of Intimate Partner Aggression by Men and Women in the Philippines: Prevalence and Associated Factors. *Journal of Interpersonal Violence*, 24(9), 1579-1590. doi: 10.1177/0886260508323660
- Fehringer, J. A., & Hindin, M. J. (2009). Like Parent, Like Child: Intergenerational Transmission of Partner Violence in Cebu, the Philippines. *Journal of Adolescent Health*, 44(4), 363-371. doi:10.1016/j.jadohealth.2008.08.012
- Jaoko, J. (2010). Correlates of wife abuse in the Maseno and Nairobi areas of Kenya. *International Social Work*, 53(1), 9-18. doi: 10.1177/0020872809348864
- Mathias, A. R. A, Bedone, A. J, Osis, M. J. D., & Fernandes, A. M. S. (2013). Prevalência da violência praticada por parceiro masculino entre mulheres usuárias da rede primária de saúde do Estado de São Paulo. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 35(4), 185-191. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032013000400009&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0100-72032013000400009.
- Meekers D., Pallin P., & Hutchinson P. (2013). Intimate partner violence and mental health in Bolivia. *BMC Women's Health*, 13 (06) 13-28. doi:10.1186/1472-6874-13-28
- Organização Mundial da Saúde (2005) *Violência Contra a Mulher*. Geneva, WHO. Disponível em <http://www.who.int/en/>. Acesso em: maio de 2011.
- Stenson, K., & Heimer, G. (2008). Prevalence of Experiences of Partner Violence among Female Health Staff: Relevance to Awareness and Action When Meeting Abused Women Patients. *Women's Health Issues*, 18(2), 141-149. doi: 10.1016/j.whi.2007.12.003
- Yoshihima, M., & Horrocks, J. (2010). Risk of intimate partner violence: Role of childhood sexual abuse and sexual initiation in women in Japan. *Children and Youth Services Review*, 32(1), 28-37. doi: 10.1016/j.childyouth.2009.06.013
- Young, J. E. (1990). *Cognitive therapy for personality disorders: A schema-focused approach*. Sarasota, FL: Professional Resource Press.